

O IDEAL

ORÇÃO LITTERARIO E ESTUDANTAL

NUMERO 1

Obreiros do progresso, eu vos saúdo,
Filhos de minha patria, eu vos bendigo,
Coragem luctadores!
A. Pereira.

ANNO I

EXPEDIENTE

«O Ideal» sahirá uma vez por mez, em dias indeterminados.

Redacção e administração
Rua Formosa n. 18.

O IDEAL

Intentamos criar um jornal. Criámos-o. Seu nome—«O Ideal»—derivou-se da idéa da sua origem. O nosso ideal é instruir-nos escrevendo na columna da nossa educação pratica na litteratura. Temos por fim, escrevendo, aprender as letras em a nossa estreitada patria; por phanal:—a Instrução. Seguímos—guerreiros do progresso—a tibia luz do futuro victorioso, que mal labrigamos nas densas trevas de uma semi-ignorancia.

Sigamos collegas!
Nem que a nossa estrada se semeie de abrolhos—barreira infinita que nos separe da Instrução—sigamos sempre, porque havemos de encontrar uma brecha, e mais além a deusa que ao longe nos acenará com as brancas mãos.

Não temel o futuro, collegas: sigamos sempre em frente embora a trincheira da Ignorancia nos obstrua a passagem, porque n'essa lucta de Gigantes—da Instrução contra a Ignorancia—quem ha de vencer é a Instrução! Escaladas as trincheiras, —obreiros do progresso—seguiremos em busca do nosso phanal...

Porém, se invencidos, não pensem, leitores, que a Ignorancia superou a Instrução!... Não!

Nós é que não tivemos a força necessaria, nem chegamos ao nosso desideratum porque somos homens; *humani nihil me alienum puto*, disse Terencio.

Temos em mente ascender aos paramos da luz—o saber!

Conquistar a Instrução, como Alexan-

dre o Grande, da Macedonia, conquistou a Asia e quasi o mundo inteiro, eis o nosso proposito!

Somos moços, leitores, somos recém-nascidos ao progresso intellectual, por isso deveis ter um pouco de benevolencia para conosco. É o que pedimos.

Assim como o feucto selvagem tem o sabor menos agradável que o feucto cultivado, nós, dando ainda os primeiros passos no mundo litterario, não temos a doçura de linguagem dos já amadurecidos escriptores.

«O Ideal» vem, leitores, pedir humildemente ao illustrado Maranhão um abrigo em seu seio benevolo, o que, cremos, não negará á obra, filha dos esforços de quem principia a carreira litteraria.

Eis, athletas do progresso, o rotulo do estandar de do nosso programma. Protegei-nos, que elle é:—o riso do futuro, o rosicler do sonho d'uma creança, uma flor desabrochando, promettendo exhibir a cor de vico e cor!

lho adorado que a cruel morte roubou aos seus beijos e ás suas caricias: ella chora porque tem saudades.

Quando, depois de violenta tempestade, o marinheiro naufrago no porto de salvamento conta a terrivel desgraça, chora porque tem saudades do navio que por longos annos foi sua unica patria.

A saudade é um alivio e um pezar. Quando temos saudades sentimos um pezar d'aquillo que nos lembramos e, no entanto, achamos um gozo n'esse pezar. A saudade é como diz o poeta

gosto amargo de infelizes,
dellezo pungir de acerbo espinho,

Homero Diamantino.

Casamento simulado

idale, alva, faces rosadas, cabellos pretos, olhos grandes e negros, labios pequenos e rubros: quando ria deixava apparecer dentes brancos como o marfim; era emfim—toda feição.

Amava um estudante que podia ter 18 annos mais ou menos, que a idolatrava.

Lucio, (assim se chamava o estudante) ia todos os dias á casa de Judith.

O dia em que não a via passava triste; procurava de balde estudar!

As lições não lhe ficavam na memoria.

Quando estava attentamente estudando, o seu pensamento voava d'ali, e algumas vezes espantava-se como se estivesse se sonhando...

Procurava de novo estudar, mas, sempre de balde!

Ao seu pensamento vinha, como n'um sonho, a imagem de Judith; parecia vel-a deante de si, vestida de branco, os cabellos caidos em ondas sobre os hombros, flor no peito...

Passava assim melancolicamente dias inteiros.

Entendo um dia, em casa da sua idolatrada Judith, encontrou-a sósinha em seu gabinete, lendo um romance de Alencar.

Tomou de uma cadeira que estava junto de si, tirou o romance das brancas mãos de Judith; e começaram a conversar em voz baixa.

A conversa ia-se animando, quando fo-

SAUDADE

Saudade gosto amargo de infelizes
Dellezo pungir de acerbo espinho.

Garret.

Haverá coisa mais sublime do que a saudade?

Haverá palavra, que exprima melhor o sentimento da alma do que essa flor doce e amarga ao mesmo tempo—saudade?

Não. Quando se diz saudade, tem-se dito tudo.

A saudade é uma grata recordação de tempos idos, de que nos lembramos com magoe; e ao recordarmo-nos de cousas que se passaram, ao lembrarmo-nos de tudo aquillo que com amargo prizer pensamos, sentimos os olhos humidos e lagrimas grates nos ovalham o rosto.

Choramos porque essa recordação é feita, choramos porque a saudade nos alliviam a dor que nos invade a alma, choramos porque o coração a isso nos impelle, emfim, choramos porque temos saudades.

Quando á noite, sentada á lareira, a pobre mãe deixa de lutar pelas faces lagrimas que vão molhar-lhe o trabalho abençoado é porque ella recorda-se de seu fi-

ram interrompidos por duas amigas de Judith, que entravam apressadas no gabinete.

Uma, com uma grinalda, a outra, com um bello bouquet de cravos; collocaram a grinalda sobre a cabeça de Judith e deitaram-lhe a segurar o bouquet.

Obrigaram Lucio a ficar de pé á esquerda de Judith, enquanto uma d'ellas se preparava para servir de sacerdote, a fim de effectuar o casamento.

Fizeram toda a cerimonia de um casamento religioso, não esquecendo de collocarem os anéis nos dedos dos recém-casados.

Judith promettera a Lucio jamais tirar do dedo o anel que este lhe havia dado; elle igual promessa lhe fez.

Decorreram alguns mezes.

Lucio entrou, como de costume, um dia, em casa de Judith; esta estava na varanda, conversando com as suas amigas.

Ao avistal-o, deu-lhe as costas e foi para o seu gabinete; Lucio retirou-se immediatamente, causando grande admiracao ás amigas de Judith, que se achavam presentes.

No dia seguinte, Lucio voltou, sendo recebido da mesma maneira.

Ainda não se desenganou; voltou no outro dia e assim uma semana, até que com o coração despedaçado, lá não foi mais.

Lucio achava de ser despedido por Judith, e Judith acabava de ser desprezada por Lucio.

— Que motivo teria ella para desrecusar-me?

Ella repartira com suas amigas, tudo o que de Lucio tinha.

Elle no ultimo dia em que sahira desenganado completamente da casa de Judith, comprara um estojo e depositara n'elle tudo o que d'ella havia recebido, excepto o anel que conserva sempre no seu dedo, como eterna recordação do dia de seu casamento.

Marquez de Green-Ramage.

RECORDANDO

A. E. M.

Ha dois annos!... Ha dois annos que nós descemos a praia de S. José para contemplarmos a vastidão do mar, do mar azulado como azulado era o céu d'aquella linda tarde.

O sol desaparecia atravez das nuvens diaphanas do dourado occaso e a brisa passava de mansinho, agitando levemente a fita preta em tuas tranças.

A praia, de uma alva e fina areia, onde as ondas vinham soltar seus ullimos lamentos, abafava o ruido dos nossos passos; e o sol desaparecia atravez das nuvens do dourado occaso...

Uma acacia em flor exalava perfumes inebriantes e o mar estendia-se até lon-

ge, muito longe, onde confundia-se com o horizonte manchado por nuvensinhas alvas, tão alvas como o vestido que trazias.

Nossos olhos percorriam distraidamente a vastidão da falia e nossos pensamentos voavam... voavam para longe, para a habitação das fadas do amor, as fadas de cabellos de ouro e faces de rosas; e o mar estendia-se até longe, muito ao longe...

Foi nessa praia quasi silenciosa que murmuramos baixo, muito baixinho as nossas primeiras palavras de amor...

Lembras-te?

A brisa passava por teus cabellos brincando com a fita verde, tão verde como as esperanças dos nossos corações... E alem, muito alem do mar, passava uma vella branca qual garça pela superficie das aguas. E passava... passava tão depressa como nossos pensamentos voavam... voavam á habitação das fadas do amor, as fadas de cabellos de ouro e faces de rosas...

Lembraste-te?

O sino da ermida, lá em cima, tocava lentamente o *Angelus* e a estrella vespertina brilhava no céu azulado...

Subimos e fomos juntinho á ermida, erguer uma prece á Virgem, á Virgem de olhos azues e manto branco, ainda mais branco que o lyrio...

E lá fora, no largo, a brisa murmurava tambem uma prece, sussurrando nas palmas das carnaudas onde o salmão cantava uma oração... E o sino soluçava... soluçava lentamente o *Angelus* e Venus — a estrella vespertina brilhava... brilhava no

Virgem...

Lembras-te? Ha dois annos!...

Fructalpa Gracillo.

QUIZERA

N.º.....

Quizera que tu soubesses
Que em voz baixinha te chamo,
Para dizer que te adoro,
Para dizer que te amo.

Quizera que tu ouvisses
D'este meu peito o pulsar,
Para então poder dizer-te
Quanto te amo e por te amar.

Quizera que os meus olhos
Aos teus podessem fallar,
Que teu olhar meigo e doce
Visse-me confortar.

Quizera que alliviasse
Este coração magoado,
Quizera que esp'ranças desses
Esp'ranças de ser amado.

Quizera estar a teu lado,
Quizera que fosses minha,
Pois tua imagem adorada
É do meu peito raíza.

Homero Diamantino.

Carlos Gomes

Completaram-se no dia 13 do corrente dois annos, depois que desapareceu do scenario da vida o genio autor do *Guaraný*, e da *Fozca*, o aliás, immortal Carlos Gomes.

Si fosse necessario recomendar o seu nome com outros documentos que não as suas composições sublimes, nas quaes lampejam ao mesmo tempo a inspiração, que é o dom dos genios e a nota nacional, que é o privilegio dos verdadeiros patriotas, — bastaria lembrar essa ovacão sollemnissima e unica, talvez, com que o Paré, — o mais opulento dos nossos Estados — sagrou o seu prematuro e doloroso passamento.

Nunca houve, no Brazil, manifestação de pesar como essa: dir-se-ia que constituindo-se interprete, não só da nação, mas do mundo inteiro, Belem quiz convencer a todo o universo que, não só sahia aquilatar o genio do mestre brasileiro, mas tomava a si, gostava, a empreza da sua glorificação ultima, como a tomara o duro, mas glorioso encargo de velar-lhe o leito, nos seus acerbos sol-

Fozca é, porem, confessarmos e todas essas glorificações posthumas, estão longe de traduzir o que foi e o que será Carlos Gomes, para o Brazil.

Depois que Verdi pronunciou estas palavras, no terceiro acto da primeira representação do *Guaraný* neste joven comeca, por onde eu acabo, não é possível impor á gloria de um homem, limite determinado, essa gloria é infinita, far-se-á respeitar em todos os seculos, como são respeitadas Homero, Virgilio, Dante, Tasso, Camões, Miguel Angelo, Raphael, Mozart, Bellini, Palestrina, Goethe, Rossini, etc.

Alem d'isso, como já acima dissemos, Carlos Gomes é um artista inteiramente nacional. As suas principais operas: o *Guaraný*, o *Schilavo*, *Salvator Rosa*, o *Condor*, etc., são tributos por elle pagos á patria que lhe deu o herço. Em todas ellas, alem do thema, que recorda a terra de Santa Cruz, sente-se perfectamente a suggestão do nosso paiz, e grande é a natureza que desceita nas nossas florestas, nas azas do parapeiro, nos nossos grandes rios, na elevação azulada das nossas cordilheiras o grandioso hymno da liberdade! Palpa igualmente n'esses poemas de musica a alma brasileira, ora altiva e selvagem como a dos nossos indios; ora ardentemente apaixonada como a da nossa raça mestiça, ora docemente enamorada, nostalgica, sonhadora, como a das nossas virgens brancas, nascidas ao

O IDEAL

perfume inebriante das passas, lírios silvestres, á luz scismadora dos nossos astros diamantinos.

Grande Carlos Gomes!

Que patriotismo não era necessario para assim fundir, por assim dizer, n'esse dedalo inextricavel e variadissimo de harmonias, a imagem cara da Patria!

E', pois, com verdadeiro entusiasmo que nós, jovens, que cremos na immortalidade, dependo sobre o teu tumulto e sa corça de veneração e saudade, saudamos de joelhos, abraçados á cruz da tua campaa, a tua grande alma de Artista e de Brasileiro!

Salve! Abençoado Maestro!

NO CAMPO

Já ha muito amanhecera.

Os pobres lavradores sahidos de suas velhas choupanas, conduziam carroças tiradas por magras juntas de bois amestrados de ha muito no serviço da lavoura.

N'um grupo de infatigáveis trabalhadores, destacava-se uma bella aldeia que pelo seu physico mostrava não ter mais de dezoito annos.

Chamava-se Paulina.

A primeira vista parecia vestir á turca, com uma mania na cabeça em guisa de turbante. O seu todo indicava a pertença ao Ceará, disfarçada em pastora.

Vestida de branco e com o cabelo da festa enlaidada na matriz da villa. Era um d'aquele.

Alguns jovens, filhos dos aldeões mais abastados das cercanias, chegavam empantufados com seus fatos domingueiros.

Principiou a missa pelo repicar dos sinavrados sinos e alguns firos de requieiras, descarregadas pelos servizes dos puzes da festa.

Durante esse acto religioso os fieis reverentemente ajoelhados, estavam entrezadas as suas mais fervorosas orações.

Terminando a missa pelas nove horas, começou o povo a retirar-se; porém, os que lactavam-se de *dandis* faziam alas á porta da igreja, deixando, assim, entre elles, franca passagem ao povo.

Foi n'essa massa compacta que devisei o rosto marmoreo de Paulina, apoiada no braço d'um typo extravagante, que, com uma voz rouquenha pedia á multidão apinhada á porta da igreja, o obsequio de deixal-os passar.

Viu a *sancti* deponer, esse ente phantastico que a tinha despojado!

São decorridos tres mezes depois que d'all parti, n'um dia em que o sol estava á pino, pela estrada coberta de nuvens de poeira, que conduz ao porto da villa, trazendo conmigo amargos recordações dos seis mezes que devorei em saudades do conchego da familia, da convivência dos amigos e finalmente da nostalgia que lá senti. Um dia d'estes encontrei um es-

quife acompanhado de varias pessoas, entre as quaes pude notar algumas das que se nelavam no dia da festa da villa, na igreja.

Era o corpo inanimado da desventurada Paulina, que para sempre ia occultar-se debaixo d'uma fria lousa.

Octavio.



RETRATO

Seu porte era bello, Seus negros cabellos,
Tão negros, singellos
Rolavam nos hombros quae ondas no mar
Seus olhos tão negros, faceiros, luzentes,
—Estrellas ardentes—
Gerarão sententes
Do amor em meu peito... Estou louco de amar!

Sua face morena, morena, tão pura
Lembrava a cendura
Dos anjos, que descem do céu para nós...
Sua voz—melodia d'uma harpa encantada
Que trouxe enlevada
Minh'alma povoada
De sonhos, chiméras, no rom d'essa voz!...

Em ama essa bella, tão pura donzella,
Formosa, singella,
Qual ave que á tarde á azul vai roçando;
Eu amo seus olhos, sua voz inavida,
E a mão tão mimosa,
E a face de rosa,
E a boca de pêssego.

Arcaño Athenas.

DEVANEIO

Era uma tarde, mas uma tarde bella e límpida, d'essas em que se sente a alegria invadir a alma e regozijar-se em contemplar o céu azulado e as curvas vertiginosas das nuvens.

Oh! como era bella aquella tarde em que, sentado em um banco no largo dos Remedios, admirava eu a estatu de sempre lembrado Gibelvelles Iria e ouvia o sibilar estridente do vento per entre as felizes das palmeiras!

Sentia mesmo um jubilo ineffavel... Mas porque? Perguntar-sei.

Oh! porque á aquella tarde formosa encontrei a virgêta que ha muito tempo procurava—o meu ideal...

Cileno Oliveira.

DESEJO

Saudades tenho de ti
Formosa, linda criança

Qu'as dores minhas acalmas
Com uma palavra—esperança.

Saudades d'esses teus olhos
Formosos, lindos, fagueiros
Como dois dardos que vêm
Ferir-me muito o peito.

D'essas faces de carmin
Luzentes, pulchras que são,
Que de subito me prendem
E me atrahem o coração.

Eu só desejo uma coisa—
Oh! anjo do céu desfeito!
E ver-te junto de mim
E saber se sou querido...

Cileno Oliveira.

RABISGOS

Secção alegre

Bons dias caros leitores e gentis senhoritas. Eis-me agora a conversar convosco, por meio d'este jornalzinho, que sahio hoje á publicidade. Como tendes passado? Gostaes boa saúde? E' o que do fundo do coração desejo. Mas, diga-vos: quem é este sujeito, que *nunca rimas mais gorlo* e que agora nos vem fallar? Tendes toda a razão em dizer isso, concordo convosco, pois não me conheceis, e vos saudades-vos, fazendo a minha apresentação.

Meu pae chamava-se Gabriel e casou-se com uma senhora de singular belleza chamada Guadina. D'esse enlace nasci eu, fui crescendo sem saber o meu nome, pois, tanto meu pae, como minha mãe, só me chamavam por meu filho. Quando ia para a escola, dizia minha mãe,—meu filho, sté logo; quando voltava,—meu filho, vamos jantar,—e era só meu filho, meu filho.

Vendo que meu pae e minha mãe não me davam um nome—um bello dia perguntei a meu pae, qual o meu nome de baptismo.

O velho respondeu: filho, um grande escriptor francez, Eugenio Sue, escreveu um romance intitulado os Mystérios de Paris. N'esse romance apresenta elle um typo lavado da bréca, cuja estampa gravada em uma das folhas do livro, parecia-se muito comigo, e por consequência tanto eu, como tua mãe, resolvemos appellar-te com o nome d'esse typo. O teu verdadeiro nome de baptismo, só eu e ella o sabemos e a ninguém havemos de dizel-o.

—Está bom, respondi eu, mas, diga-me o tal appellido que é para eu poder dizer como me chamam, pois o mestrescola tem me perguntado uma porção de vezes, e eu tenho dito—o meu nome é filho. O velho respondeu, o appellido é—Gabriel.

Perfeitamente.

O IDEAL.

Todos gostam do seu bem estar, eu não me ralo com isso.

Cada um procura as suas commodidades, eu não me importo com ellas. Sou um typo inteiramente original, fóra do commum.

Gosto de dar o meu passeio ao domingo, ver as meninas, conversar com ellas, ir ao Theatro e depois dizer: sim senhor, gostei de ver aquillo: o homem trabalha bem, andou perfeitamente na sorte das flores, fez optimamente a escamoteação do relógio, ficando no outro dia abysmado quando elle diz que o jornal em que o relógio era escamoteado tinha um bolso escondido.

Gosto de bailes, danço muito, e aprecio os namorados que por entre os passos d'uma americana, trocam palavras meigas e amorosas, julgando que não são ouvidos.

Enfim, sou Cabrion, mas sem Pipelet. Eis a minha figura.

Peco-vos, portanto, caros leitores e gentis senhoritas, que não me queirais mal. Si sou original, é porque esse é o meu officio.

Demais não tenhaes medo de mim, por que sou eu o

Cabrion.

AMIGOS...

—Casaste?

—Tua mulher é bella, espirituosa; enfim, Venus encarnada, não?

—Encarnada, não! disse um dos dois rapazes que conversavam na esquina de uma rua:—branca, muito branca, apenas tem de encarnada alguns leves toques nas faces.

—Então, disse o outro rindo de boa vontade, continuas a ser o mesmo pandego? Hein?

—É impossivel, Victor, que não saibas que o diabo faz o monge...

Depois que me casei, estou tão serio, como d'antes era brincalhão; estúpido, como d'antes era espirituoso... Sabes? Fiquei embrutecido pelo casamento.

O meu viver é justamente o d'um chronometro, isto é, faço tudo pontualmente e...

—Vives o dia inteiro a esboçar beijos e abraços ternos com tua esposa...

—Que vida melhor queres tu?

—Eu? Quero viver descançado, sem trabalho de especie alguma que me tome o tempo, o qual dedicarei a minha esposa, aos bebés, se os tivermos...

—Tu tambem? Disse Victor, rindo-se.

—Isto é... quero dizer: se Santinha os tiver e mais os amigos de infancia que irão beber o meu melhor vinho e comer linguas...

—De sogras?

—Oh! isto é de mais! Pois tu ousas zombar do meu idyllio?

—Desculpe sr. *Thimoteo Macarrão!*...

Não me lembrava que V. Exe. está serio, não brinca mais:—que V. Exe. hoje chama-se Julio da Silva, e o tempo

ido nas brumas do passado, por mim lembrado

Já estou no seu coraço!

Não é isto sr. Julio?

—E! Mas não te alteres!... Eu brincava. Nunca poderei esquecer os tempos da nossa infancia...

Vamos, vamos para a minha casa, lá te apresentarei á minha mulher.

Foram.

Hoje Victor e Julio são os mesmos amigos d'outr'ora—íntimos, vivem na doce convivência da amizade mais fraternal!

Anibal Aquendo.

Out'ora e hoje

Amei... gemi... Em tres annos
Do infinito nos arcanos
Procurei inspirações...
Desferi sons dissonantes,
A uns ouvidos distantes,
Distantes dos corações!

Eu vivi, mas sempre triste.
Alheio a tudo que existe
De sublime n'este mundo:
Pela negra zombaria
Com um desgosto profundo!

Mas por fim... fiz um esforço.
Levantei allivo o dorso
Pois custára a me vencer:
Out'ora morrer queria,
Mas agora co'alegria
Eu brado:—Viver! viver!

Eu amo outra vez... eu amo!
E como da arvoite o ramo
Que secca e torna a florar;
O meu amor foi-se embora,
Mas voltou... e, como outr'ora,
Eu quero outra vez amar...

Mas será feliz agora
Aquelle pobre, que outr'ora
Chorou na lyra do amor?
Que olhou na sombra infinita
Cervando p'r'um brado, um grito
De zombar atrozador?

Não sei. Mas tenho esperança
Que algum dia essa bonança
Que se chama amor virá...
Esse amor que tenho então
No íntimo do coração,
P'ra todo o sempre será!...

Arsenio Adhemar.

ELLA...

Foi em uma egreja que a vi pela vez primeira. Trajava um vestido branco. Seus cabellos castanhos lhe cahiam sobre os hombros e alguns cachos encobriam, por momentos, a sua altiva fronte; seus olhos cravavam-se sobre a virgem do altar e seus rubros labios, em movimento, murmuravam uma oração.

Eu a contemplava extasiado... embobado em sua belleza rara... e orava, mas com os olhos cravados em suas faces rosadas...

Passaram-se mezes...

A segunda vez que a vi foi hontem, onde eu tomava parte em um íntimo jantar, dado pelo anniversario de uma linda quaõ travessa eritanea.

Depois do jantar, que foi interrompido por diferentes brindes, fomos brincar o *Annel*, quando muitas vezes nossas mãos se tocaram pela passagem da prenda...

Trocamos olhares e sorrisos...
E meu coração palpitava dentro do peito e minha alma sorria enamorada...

De vez em quando surgia d'alguma idéa um outro jogo que era acceito com alegria.

Por fim, com grande magoa de minha parte, terminou o brinquedo e, com elle, a festa, quando acompanhei-a á sua casa.

Ah! que momento, meu Deus, que momento aquelle em que nossas mãos se apertaram em um adeus...

Oh! e como eu tive desejo, desejo ardente de dizer—amo-te!

Não sei até que horas fiquei contem-
plando a tua imagem que se co-
ava pelas vidraças d'uma janella, porem
sei que voltei para casa triste e com de-
sejos de... sonhar...

Sonhei... E sua imagem foi a heroína do meu sonho...

Fradulpho Gracile.

A MULHER

Fernand Adão o Criador lhe disse:
—Estarás tu só?... Vou dar-te um companheiro
Firme, mais brilhante, mais ligeiro
Que a branca estrella, se do céu cahisse!

E o bom Deus trabalhou um dia inteiro...
Mas Gores procurou cor e fragancia,
Nos palmittos da America—el gaudia,
Na leoa gentil—porte atlancero...

A um anjo off. p'ra a constelação,
A sensitiva—a sensibilidade,
Ao lyrio a cor, a aurora o rosicler...

Juntando tudo Deus em uma noite
Da brisa que passava ao brando ecoite,
Ao extatico Adão—deu a mulher...

Arsenio Adhemar.

Maranhão—Typ. de Antonio Pereira Ramos d'Almeida & C. Succs.

Maranhão, 12 de Outubro de 1889

O IDEAL

ORÇÃO LITTERARIO E ESTUDANTAL

ANNO I

Obreiros do progresso em vos saúdo,
Filhos de minha patria, eu vos bendigo,
Coragem luctadores!
A. Pereira.

NUMERO 2

EXPEDIENTE

«O Ideal» sahirá uma vez por mez em dias indeterminados.

Redacção e administração
Rua Formosa n. 18.

O IDEAL

Descoberta da America

Commemora hoje a patria brasileira o grande acontecimento que deu lugar á entrada da civilisação no nosso novo e vastissimo continente: a descoberta da America.

Sem entrarmos em indagações sobre a veracidade desse facto, isto é, si realmente foi Christovão Colombo quem de feito descobriu a America ou si ella já conhecida muito tempo antes, como suppõem com bons fundamentos muitos historiadores e o dá a entender diante nos seguintes versos:

Io mi vobí a mau destra e post mente
All'altro polo, e vidi quattro stelle
Non xiste mai fuor ch'alla prima gente

Os quaes vé-se claramente que elle refere-se á constellação do Cruzeiro do Sul. Lutaríamos aqui, apenas, de salientar duas cousas: os sacrificios extraordinarios que enstaram no grande genovez essa importantissima empreza e os resultados, que d'elle resultaram, para a humanidade e a civilisação.

Depois de ter por muito tempo meditado na possibilidade de transportar-se ás Indias, Colombo propoz o seu projecto de realisar essa viagem, primeiro ao governo da sua terra natal, a republica de Genova; e depois ao Rei de Portugal e a Henrique VII de Inglaterra, achando por toda a parte a recusa.

Tendo morrido a sua mulher, resolveu-se elle a deixar Portugal e, accompa-

nhado de um filho que tinha, partio para a cidade de Palos, na Hespanha. Vivia então na mais absoluta miseria; era a pé e esmolando pelas casas religiosas, que elle fazia essa penosa viagem. Um dia, parando á porta de um convento de franciscanos, situado cerca de meia légua da cidade de Palos e dedicado a Santa Maria de Rabida, o prior distinguiu-lhe no rosto uma tal expressão de nobre allivoz e intelligencia, que o mandou entrar e perguntou-lhe quem era. O pobre viajante contou-lhe então os seus infortunios e esperanças.

O prior, convencido da importancia dos projectos do seu hospede, enviou-o a um amigo, Fernando de Talavera, prior do mosteiro de Prado, confessor da rainha Isabel de Castilla, que o tinha em grande estimação. Este prometteu a Colombo apoio com todo o seu valimento, mas, estando então a Hespanha occupada com os Mouros, foi necessario, para apresentar nos soberanos os projectos do navegador, esperar que o reino gozasse de alguma tranquillidade; era ter de esperar muitos annos, durante os quaes podese imaginar as angustias e a impaciencia de Colombo.

Cansado, enfim, de solicitar em vão e de ver de dia para dia desvanecerem-se as esperanças concebidas na vespera, elle resolveu-se, com o desespero no coração a deixar Górdova, onde residia então a corte de Isabel; e tinha já transposto os limites da cidade quando vieram chamal-o e annunciar-lhe que enfim seus projectos mereciam a approvação da rainha. (*Le Monde, Amérique et Océanie*, pag. 3).

A isto se seguiram as canceiras da viagem; as luctas com os marinheiros desiludidos e insubordinados, a fome e a sede, sem que, entretanto, nada podesse enfraquecer-lhe o espirito nem fazer-lhe abandonar os seus projectos.

Enfim, em 12 de outubro de 1492, ao descompartar a sol, os homens da esquadra devisaram uma ilha coberta de arvoredos e verdura e, na praia, uma multidão de homens nus, que de todas as partes accorriam para contemplarem os navios. Colombo revestiu-se do seu costume de grande Almirante, empunhou na dextra o pavilhão real da Hespanha e, seguido de alguns marinjos, dirigiu-se para terra. Foi elle o primeiro que a pisou, e foi o seu primeiro acto pôr-se de joelhos para dar graças a Deus e beijar, choran-

do, o sólo em que pisava. (O. I. n. 2, p. 6).

Estavam, pois, realizados os sonhos do grande homem: o mundo antigo estava a dar maravilhado diante das scenas gigantescas do novo mundo, da mesma paravel riqueza e da belleza colossal das terras tropicaes.

São faveis de prever as consequências deste illustre feito.

As nações europeas, aguçadas pela sede da conquista e pelo desejo de augmentarem os respectivos dominios, lançaram-se ao afan de possuir as novas terras, donde resultaram mais tarde as novas descobertas do Brazil e de todos os pontos do continente, a fundação, em todos, de colónias commerciantes, ou agricolas, o enivilhamento dos aborigenes, etc. D'ahi a despontar das artes, das sciencias e da religião n'essas paragens outr'ora entregues á barbarie e o assento dos povos americanos no grande convívio das nações civilizadas. Este progresso, rápido, de sorte que hoje em cada parte da America as suas antigas dominações são mestras.

Honra, pois, a Colombo, honra ao mundo inteiro, pelo grande dia de hoje.

Confissão... L. B.

Do E. Frazão.

Não quizera ter amores
Para não padecer dores
Como as que tenho soffido
N'estes dias de amargura
Por ti bella criatura
A quem me vejo rendido.

A ti, donzella, a ti juro
Que jamais serei perfuro
Como um desistente, um falso
Talvez, em teus pensamentos
E mezes se vão a perder
Inquirindo quem sou e tu.

Triste nauha d'esta vida
Com a alma quasi de vida
Buscando fallar os acaris
Deixa que fite teu rosto
O teu olhar traz-me gost
Lacrimas nos olhos touro



O IDEAL

COLOMBO

Sabeis quem era esse manco pallido?
Era—Colombo o grande, e a plaga
Que elle avistara ao longe—o Novo Mundo.

F. Varela.

Ao branco clarão da lua
No mar—no abysmo—fluctua
A gigantesca falua
Que a terra vai descobrir.
A tempestade arrebenta:
O vendaval se acrescenta,
A tempestade que alenta
Do mar o doído bramir.

Raios se cruzam no espaço
Deixando ao calirem traço
De quanto é forte o seu braço
De fogo, que tudo estraga.
As ondas sobem tão alto!...
Ao nível—grande planalto—
Sobe de prompto, n'um salto
A montanha humida—a vaga!

Da falua sobranceiro
Lá se ergue o aventureiro
Sem lhe importar o berreiro
Dos elementos brigando.
Nos olhos seus brilha a chama
Que o genio do homem proclama,
Que os jovens peitos inflamma,
De enthusiasmo ralhando...

Irrompe um raio no mar...
Colombo vê se espalar
Como estrella a fulgurar
Na vastidão do infinito,
A terra que elle buscava...
O torrão que conquistava...
—O Novo Mundo encontrava
Terça! bradando n'um grito...

Arsenio Adhemar.



Elle e ella.

A' A...

Oh! noite silenciosa!

Brisa que passas!

E tu, beicão que corras, d'entre a verde
herva, reflectindo a lua, castamente ve-
lada que banha as faces virginaes de dois
jovens,—não sentes o grandioso, o bello,
o soberbo panorama que a esta hora se
desenvolve, e mais bella a natureza? E vós,
felizes jovens que conservaes amorosamente a
esperança do futuro e os sonhos do presente—
não sentis tambem a sensação do desconhecido:
—Deus?

Deveis sentir, deveis, porque todos
nós, e tudo que nos cerca, recebemos
uma parcela dos dotes da natureza—
esse invisível e assiduo trabalhador, cre-
do por Deus!

Cercado pelas maravilhas da natureza,
dois jovens conversavam ao libio clarão
do luar. Ouçamol-os.

—Zelia, dizia um d'elles que era um
rapaz de deseseis a deseseite annos, cheio
de vida e de futuro:—amas-me ainda?—
ainda sentes por mim, o que sentias
d'antes?

Zelia com a cabeça baixa, nada res-
pondia.

—Zelia, meu amor, minha vida, res-
ponde, proseguiu o incansavel rapaz,—
eu te peço de joelhos.

E dizendo isto apertou-lhe nos pés da
gentil menina, que poderia ter no maxi-
mo quinze annos.

—Amas-me? perguntou mais uma vez
o moço.

—Sim, balbuciou a feliz menina que
estava prestes a desmaiar de ventura.

De repente, a pallida luz da lua, foi
vedada por uma nuvem negra que n'este
momento corria n'ampidão.

Ouvio-se então o ruído d'um beijo.

Steio Dalaino.

SAUDADES

A meu amigo A. Leoncio.

Quantas vezes eu tenho chorado

De saudades, tristezas e dôr.

De saudades da patria querida,

De tristezas do exilio do amor...

Quantas vezes!... Oh! quantos soluços

De meu peito já tem escapado

De saudades, tristezas e dôr...

Quantas vezes eu tenho chorado!...

Pelos dias da quadra infantil

Que eu avisto atravez do passado

Quanto choro!... Oh! quantos soluços

De meu peito já têm escapado!...

Frudulpho Gravelle.

A sempre-viva

A'...

Era uma tarde de verão serena e bella.
O céu de azul purpurino, deixava en-
trever—brilhante e dardando seus
raios, o astro luminoso.

Os passarinhos chitreavam contentes,
em ramo, repetindo em seus alegres tri-
nados, phrases... talvez de amor...

Porque as aves tambem fallam, porque
ellas tambem amam!...

Toda a natureza se mostrava radiante e
alegre...

Era uma verdadeira tarde de verão.

Sentada à sombra de um frondoso ar-
voredo, estava uma encantadora joven
trazendo ao peito uma sempre-viva.

Seu mimoso rosto de traços rosados
pareceu-me o da Venus de Milo, seus
cabellos castanhos, fios de seda finissima,
seus olhos, duas estrellas scintillantes.

Ao vel-a, meu coração pulsou forte-
mente, minha alma mergulhou-se em sua
belleza fascinante e amei-a.

Amei aquelle anjo que baixara à terra,
amei aquelle ser bello e sublime—amei
aquella mulher encantadora.

Sem hesitar approximei-me d'ella e
fallei-lhe. E por entre palavras que o
coração me dictava, disse-lhe que a ama-
va.

Em resposta, suas faces ruborizaram-se
e ella sorriu-se, sorriu-se, mas com sorriso
arrebataador, sorriso de pudor, sorriso
unicamente talhado para os labios d'
uma mulher casta e bella.

Pedi-lhe que em recordação d'essa
tarde feliz, me desse a mimosa florzinha
que lhe ornava o seio.

Ella entregou-m'a, e essa sempre-
viva, foi o sello do nosso amor.

Homero Diamantino.

Ah! se...

A...

Ah! se na lyra decantando ledo

Fruisse os gosos d'um amor ardente,

E se na ardencia d'esse amor, tremente

Quisesses um beijo de tua bocca a meu lado.

Ah! se na fronte virginal e roada

Tu fosses d'alva perennal constancia

E teus cabellos volteassem na ancia

Da doída walsa que parece alada!...

Ah! se à aurora que desponta bella

Anjos cantassem os celestes hymnos

Mixtos das aves co'os singellos trinos

D'encantos todos, para ti donzella!...

Meus dias ledos passariam leves

Como o Zephíro que perpassa rindo

Entre a folhagem do arbusto, unindo

As flores grandes com as flores breves.

Arsenio Adhemar.

Recordação...

A's minhas primas J. e Santina
Cavalleto.

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infancia querida
Que os annos não trazem mais!

C. de Abreu.

Oh! quantas vezes me tenho recor-
dado dos dias da minha infancia, que
passaram tão ligeiramente!... E quantas
lagrimas tenho derramado por esses dias
que voaram, por essas paginas do livro

O IDEAL

de minha alma, que já foram volvidas e rasgadas pelo vento impetuoso do passado?!

E choro!... Sim! choro por elles, que deslizarão tão depressa no scenario da vida; por elles que nunca mais... nunca mais voltarão!...

E como me recordo das tardes de agosto!

Sim. Daquellas tardes em que corri travessa e innocentemente atraz das borboletas multi-côres ligeiramente pousadas nas madressilvas, sugando as tremulas e brilhantes gotas do orvalho da noite—dessas perolas caldas dos comeres dos anjos nas corollas das flores que enfeitam as campinas de Oeiras, meu berço!...

Recordo-me ainda... recordo-me que corria... corria muito, até que, cansado, sentava-me e, ora fitando o céu, seguia com os olhos a carreira das caprichosas nuvenzinhas que corriam a plagas longiquas beijando subtilmente os cabeços das montanhas, que além se destacavam; ora fitando a *Mocha* dourado pelo sol poente, seguia com a vista o placido desfilhar das aguas que corriam em direcção ao *Canal*, beijando levemente a relva verde e macia, nascida à beira de suas margens!...

E eu contemplava esse quadro maravilhoso e sublime emoldurado pelo azul transparente do horizonte, que a natureza forma nas campinas de minha terra!...

E o *Mocha* desfilava, levando na correnteza de suas aguas as flores que eu despetava ao vento, e as nuvens corriam levando na brancura de suas azas uns adeus que eu lhes enviava...

Depois corria à casa onde era recebido pelos beijos de minha madrinha que, pondo-me de joelhos e mãos postas, murmurava umas palavras que eu repetia—as palavras do *Padre-Vosso*, essa sublime oração emanada dos labios de Jesus-Christo—o divino Amigo dos pequeninos.

E eu era conduzido ao meu bercinho, onde entre as rendas e as fitas que o entrelaçavam, sonhava que as nuvenzinhas que eu vira, de manso beijando as montanhas, arrebatavam-me ao céu!...

E hoje eu choro por esses dias de minha infancia cuja recordação vos offereço, oh minhas primas, a vós que os assististes, que, como eu, d'elles vos lembrais com intima saudade.

Frederico Gracillo

COLOMBO

Em Genova. Um homem está sentado. Entre livros no canto d'um salão. Estende o braço forte pra a amplidão. — O mar immenso undivago, azulado.

Que vê? Porque está tão occupado? Porque olha tão fixo a castilão?

No peito tem o fogo d'um vulcão. O olhar é ardente, vivo allucinado...

Do abysmo tão grande a fauce aberta. Um colosso ao redor com furia aperta. Mas é mais forte que ella, a móle im- (mensa...

E Colombo na grimpá d'um rochedo. Encara o Novo Mundo e n'um segredo. Uma prece ao Senhor étoa intensa...

Arsenio Alhemar.

DOR

A.....

Amar-se um ser que arrebatá
Amar-se um anjo adorádo
Sem saber si se é amado
Oh! essa duvida mata.

Eu que amo, tenho amor
Meu coração tem firmeza;
Porem a brusca incerteza
Vem causar-me horrivel dôr.

Essa dôr que me consome
Não ha, não ha quem a domo,
Quem a meu mal dê um fim.

— Só si o teu olhar clemente
Viesses alegre e contente
Dizer-me: amo-te, sim.

Homero Diamantino.

DULCEIDES

Foi n'uma manhã de puro dezembro que vi a imagem dos sonhos de meu amigo Francisco X.

Os raios do sol franjavam as freixas das mais altas e copadas arvores e uma aragem, d'essas manhãs serenas, corria mollemente.

Vi-a no seu jardim, acompanhada de suas gentis irmãsinhas, entre frondosos canteiros, aspirando o aroma melifluo das rosas e compondo com as suas pequenas e delicadas mãos um fudo *bonquet* de brancos *bugargos* e amarelos *semprinos*.

Morena, porem, de um moreno reme que a tornavam graciosa: madeixas negras... negras como o azeviche que em bandos rolavam-lhe pelos contornados hombros: era linda excessivamente linda, mas, n'essa manhã estava quasi deslumbrante e seductora.

Dulceides era o seu nome... nome que rivalisava com a sua formosura e belleza. Ella abandonou n'esse dia os sumptuosos salões, para luctuar-se com suas

odoríferas flores e banhal-as com aquelles olihares meigos e fascinantes, que captivavam o mais indifferente dos corações, se d'ella se approxinasse.

A sua, altiva fronte—como que fallada para ser cingida por uma coroa, não avia no brilho, na docura, dos seus olhos lindos, tão lindos como os de que falla o poeta. Passava lentamente, mas, a bobrega do seu porte, sua elegancia nativa recordavam ou faziam lembrar a grandiosa estatua de Phryné, d'essa estatua animada.

Francisco e Dulceides amavam-se apaixonadamente. Os seus corações tinham os mesmos *caídos* para o casamento, mas nunca ousaram confessal-os.

Certo dia a casta Dulceides, um dia ruborizada, perguntou a Francisco que não pedira sua mão aos seus pais, respondeu, porem, este, que o momento ainda não era chegado; que Dulceides não desanimasse, que em breve viria ser sua esposa e que então cessaria o seu desanimado.

Tres meses succederam-se a essa espera, quando uma tarde, recebiam a benção do matrimonio, ante um altar em que via-se a imagem do Deus filho, pregada a cruz da redempção.

Viveram bem? Não sei!

O certo, nozem é que a lei ou o contrato de divorcio, encontrou em ambos os lados dois defensores.

Tenho encontrado o meu amigo Francisco que parece evitar-me sempre triste, desolado, enquanto Dulceides não ha festa, baile, lugares onde qualquer pessoa possa mostrar-se em que elle não se ache garrida e cheia d'uma petulancia nervosa.

Delario.

Salvé Colombo!

São passados quatro seculos.
Que Hespanha com ar joente
Te viu partir oh! Colombo
Em busca do Novo Mundo

Partiste, intrepido e ousado.
Só tendo em Deus esperanças
De descobrir novas terras
Com tempestade ou bonança.

Passado de tantos trabalhos
Llegaste à nação Iberica
Entre sorrisos e gala
A grande e abastada America

Salvé! tu que não temeste
Da vaga o forte ribombo.
Que o Universo inteiro clamou
Salvé! Christovão Colombo

Homero Diamantino.

O IDEAL

RETRATO

Tens as faces cor do brão
E também de rosea cor;
Castanha a frança singella
— Castanha, da cor do amor.

Tens uns lábios pequeninos
Da cor da roman em flôr;
Tens meiguices, tens docuras
Tens encantos, meu amor.

Si fôllas, tens harmonia
Que me inspira
Como a rosa o beija-flôr.

Si pensas, então... qu'ousas...
Embraga-me a alegria
Sou todo teu, meu amor.

Freudolpho Gerrielle.

Ella...

Dormindo... eu vejo a tua face bella,
Rosea e singella como a rosea flôr...
Ah! si eu pudesse n'um momento d'ella
Beijar a face que inspirou-me amor!

Sonhando... vejo o teu olhar formoso,
Melgo e amoroso de tão negra cor...
Ah! si eu pudesse! dir-te-ia tudo
O que contente me d'eliasse o amor...

Accordo... e vejo teus cabellos soltos
Negros e brilhantes...
Ah! si eu pudesse dir-te-hia quanto
Anceio vel-ox entre os dedos meus!

Stenio Dalmeida.

TEUS OLHOS

Ferram meu peito
Teus olhos faceros,
Lazentes, ligeiros
Quaes setas d'Amor.

Tens olhos tão lindos,
São bellos e estreitos
Inscidas, mui bellas
Dos pes do Senhor.

Se fitam fagueiros
Em nobre mortal,
Ferida fatal
No seu coração.

Era sempre lãõ d'abrir...
Teus olhos faceros,
Gentis, felleiros
Que bellas que são!

Arsenio Adhemar.

ELLA!

Lembro-me agora! n'um bailado a vi
Sorridente, singella, meiga e pura
Como a manha, qu'a voz do colibri
Descanta o hymno da eternal ventura.

Como era bella, assim! sua figura
De Venus tinha o rosto carminim

Dir-s'ha um arelhanço de docura
Um prodigio do Cão, um seraphim.

Pintor quizerá ser, meu caro amigo...
Pintava-a como a deusa da riqueza
A dar-te amor, a ti, pobre mendigo!

Oh! quizerá, não como, si a pintura
A mim pobre rapaz, me é defeza?
Mas sou poeta e canto-lhe a candura.

Cileu Oliveira.

RABISCOS

Secção alegre

Até que enfim venho aos *rabiscos*,
caras e gentilissimas leitoras.

Vamos, portanto, conversar um pouco
sobre as *coisas* que ha de mais novo,
deixando de parte a minha apresentação,
não imitando o meu mano *Cabrio* que,
em verdade, em nada se parece comigo,
não obstante sermos irmãoszinhos da
gença, filhos do mesmo pae e da mesma
mãe e netos do mesmo avô e da mesma
avó, que Deus tenha em sua Santa Gló-
ria, amen...

Poderia eu tratar um bocadinho do
positivismo, dessa *incomparavel religião*
da Humanidade, (sem h); porém, além
do positivismo ir cahindo em desuso,
d'elle nada entendo, nem tão pouco da
sua doutrina.

Passemos, por isso, ao divórcio, como
coisa mais fresca.

Ah! por falar em divórcio, lembrou-
me agora uma do Marquez de Green Ra-
mage, meu collega de redacção. E' a se-
guinte:

Estava eu hontem em meu quarto ti-
rando gostosas e azues fumaças do meu
bello caximbo e pensando na *pequena*,
quando me entra o Marquez pela porta a
dentro, todo triste e com alguma coisa a
dizer-me, como demonstravam seus ol-
hos.

Ao vel-o exclamei:

— Que é isto, collega! que diabo ti traz
assim tão triste e a estas horas por aqui?
Ainda, *desembucha*!...

— Ah! meu amigo, disse-me elle:— é
que me disseram que, graças ás subscrip-
ções das senhoras maranhenses, o di-
vórcio não irá avante!... E ou que o es-
perava de braços abertos!...

— Falas serio?

— Falo sim, respondeu elle, chora-
ndo e com os olhos marejados. Tu não sabes
maniar, porque tu sabes que ha mezes
caxei-me, como por mais de uma vez te
tenho dito, já tendo sobre o assumpto
escripto um artigo no primeiro numero
d'«O Ideal», nosso jornalzinho, trocan-
do, apenas, o meu nome, pelo de Lucio.

Sabes tambem que, quando vou á casa
da mulher (coisa que faço raras vezes)
ella dá-me as costas, sem mais nem me-
nos.

Ora, vês tu que sou obrigado a espe-

rar o divórcio de braços abertos e estar
agora triste pela noticia que deram-me
ainda ha pouco.

— E porque?

— Porque? porque se elle por descui-
do passar na Camara dos Deputados (pois
só por descuido é que elle lá poderá pas-
sar) te juro que, chegando ao meio dia,
por exemplo, a noticia de sua vigorisa-
ção no Brazil, á uma hora da tarde do
mesmo dia estarei divorciado e ás duas,
casado com uma *pequena* que mora na
rua do Sol e por quem apaixonei-me na
festa de S. Filomena. Olha, é segredo...

— Ah! não ganhas! exclamei, queres então
te casar a vapor, a vapor, a vapor!...
Pois vai tu com o divórcio para as pro-
fundas dos infernos e me deixa socega-
do.

Travamos logo uma forte discussão e,
empunhando eu metta á *lata* no divórcio,
o sr. Green Ramage (que nome d'ama-
do!) defendia-o eloquentemente...

A tal discussão acabar-se-ia em *lupo-
nas*, se não fosse a repentina chegada
d'um outro collega (aquelle que assigna-
se por *tres pontos*), que vinha todo abar-
recido com o typographo por ter trocado
a palavra *gostosa* por *gostara*, no seu
bello artigo sobre o segundo anniversario
da morte do sempre chorado Carlos Go-
mes, e, ao mesmo tempo, satisfeito com
a illustre redacção da *regeneração*, por
ter transcripto o artigo em suas ilustra-
dissimas columnas, rectificando o engano.

E depois de muito conversar, sabio
com o Marquez, deixando-me suado da
cabeça...

Mel foi mettendo na bocca o comprido
cunido do meu rico caximbo, quando me
chega o *Cabrio* fungando e cansado
que nem cabrito pellado, a dizer-me que
seguiu para S. José de Riba-Mar onde
ia tomar banhos por causa do calor, e
pedia-me que tomasse conta dos *Rabis-
cos*, enquanto elle lá estivesse.

— Só com uma condição, mano, disse-
lle.

— Qual?

— De trazeres-me duas medalhas com
duas medidas de S. José: uma para eu
deitar na gruela do Marquez para nunca
mais falar em divórcio, e a outra para o
pescoco do typographo para nunca mais
trocar palavras nos artigos do nosso jo-
nalzinho.

— Pois bem, Maneco, trago-te as me-
dalhas com as medidas e... adeus que o
vapor apita... e sabio fungando, como
entrou em meu quarto.

Tranquei a porta por causa de novos
cacélex; colloquei o caximbo na boca e
pensando na *pequena*, pensava ao mes-
mo tempo no que havia de *rabiscar*, re-
cordando-me do negocio do Marquez
para principio, si bem que elle me pedis-
se segredo e... tomando a penna escreven
o que aqui fica, caras e gentilissimas lei-
toras, o vosso

criado

Maneco.

Maranhão—Typ. de Antonio Pereira
Ramos d'Almeida & C. Succs.

Maranhão, 18 de Novembro de 1898

O IDEAL

ORGÃO LITTERARIO E ESTUDANTAL

ANNO I

Obreros do progresso em vos saúdo,
Filhos de minha patria, eu vos bendigo,
Coragem luctadores!
A. Pereira.

NUMERO 3

EXPEDIENTE

«O Ideal» sahirá uma vez por mez, em dias indeterminados.

Redacção e administração
Rua Formosa n. 18.

O IDEAL

15 DE NOVEMBRO

Gloriosos são os factos que o Brazil conta em sua historia, e os factos, tão recentes, estão na memoria de todos.

7 de setembro arrancou o colosso sul-americano do dominio de Portugal que lhe sugava a seiva, conservando seus naturaes em ignominiosa oppressão.

1. de março é o termo da sanguinolenta lucta denodadamente por nós sustentada contra o tyrannico Salgado Lopez.

13 de maio, finalmente, é o dia de um acontecimento notabilissimo aos olhos de todo o mundo civilizado e christão.

Mas, como corollario d'esses acontecimentos gloriosos ou porque a índole brasileira seja propensa a maior somma de liberdades politicas, surdiu, no nosso evoluir, o 15 de Novembro.

Tinhamo-nos emancipado da Metropole. Deramos uma formidavel lição ao Paraguayo autocrata e ambicioso. Libertamos o escravo humano como nós, mas que por uma fatalidade se vira longo tempo sujeito ao azorrague do feitor e toda sorte de castigos que se lhe quizesse infligir.

Era, pois, natural e urgente que tambem nos libertassemos da escravidão monarchica, banindo essa dynastia enferma e ambiciosa.

E assim se fez.

A opinião publicá, apolada pelo glorioso braço de Deodoro, apelando os importantes dynasticos, gritou bem alto: «Viva a Republica!»

18 de Novembro

Mais uma data! Mais um anno glorioso vem remir-se aquelles que já passaram desde que o Maranhão adheriu ao Governo Republicano, governo de lá muito sonhado por aquelle que mais tarde devia immortalisar-se—Tiradentes.

Tiradentes, o soldado em cujo cerebro germinou a mais grandiosa das idéas, idéa que ha nove annos resurgiu do seio do povo brasileiro que solenne e unanimemente manifestou-se em gritos de enthusiasmo!

Tiradentes, o homem que pela liberdade de sua patria mereceu a forca, o patriota que, trabalhando por uma causa santa, subiu ao patibulo—o instrumento que, naquelle tempo, punia os assassinos, os ladraes!

Mas, elle 15 subindo, corou-se com as honras do martyrio, arrojou-se com a luz radiante da liberdade que devia manter-se e segurar os seus executores, que devia fulminar os monarchistas que tentaram ceipsal-a com a purpura esfarapada do throno, como succedeu em 15 de Novembro de 84. Tiradentes morrendo, não deixou a sua idéa—ella nos foi dada, como a Patria o seu grandioso nome!

E desde que Tiradentes manifestou-se, desde esse dia que nós, brasileiros, esperavamos a vinda da Republica, que nos devia salvar da ruína do Imperio, como o povo da antiguidade esperava, desde que Moyses o annunciou, a vinda do Messias que nos devia remir do peccado.

E assim como o Messias teve como recompensa de sua Santidade—a cruz que hoje é o estandarte de nossa religião, Tiradentes teve como premio de seus desejos—a forca, o mesmo madeiro donde, tempos depois, devia-se extrahir o mastro que sustentou a primeira bandeira republicana que brisas do Brazil aflagaram.

Era eu então bem criança; mas do meu peito enthusiasnado, do meu peito republicano, partiu um bravo attivo que confundiu-se com os dos meus conterraneos.

E hoje, portanto, hoje o dia que relembramos o grandioso feito do Maranhão, devo-me erguer para saudal-o.

Não sou maranhense; mas o enthusiasmo permítte-me, participando da alegria

dos maranhenses, sofrer com elles os braços de:

Viva o Governo Republicano!!
Viva a Athenas Brasileira!!
Viva o Exercito Patriota!!

Luiz Carrolho.

LUCER

A***

15, nas bellezas silenciosas da tarde, no desambar formoso do sol, no marulho incessante das vagas, tudo respira tristeza.

Lucer, em pé, sobre a branca praia, com os olhos a rorejar gottas de lagrimas, fita-se no horisonte.

Os seus cabellos negros, mais negros do que a profundesza do oceano, mais adorosos do que a violeta quando surge na tarde cheia de amor, expandiam-se ao terno cicar das auroras.

A rosa pura que desabrocha no valle nos beijos matinaes da brisa, não encerra em suas petalás mais odor que os labios de Lucer.

Sá a garça branca que volita na mansa lagoa que embalsama na umbria calada das doces, e só a arca que brinca na praia onde o mar se embata com doçura, é que rivalisa com a alvura divinal da fronte rosca da virgem.

Lucer fita-se ainda no horisonte.

O sol que se embriaga no nefasso goteja raios de ouro sobre o rosto gentil da donzella e o mar que lhe oscula os pés, espelha a sua imagem formosa, mais formosa do que ahana a nadar no azul.

A virgem lançando um olhar, um d'esses olhares que encerram doçura e onde o amor solta barbas-jos de tristeza, sentou-se na verde e mimosa relva.

Os seus olhos mais negros do que a nuvem negra da tempestade, mais rutilantes do que Lucifer no esplendor, deram-lhe lagrimas de crystal, e seu pensamento estavado-se dizia assim:

Tu, oh mar! compadece das minhas lagrimas, reflecte nas tuas verdes aguas a imagem airosa e esbelta de meu noivo. Oh brisa fagueira que passas, porque não faztas um sorriso de amor dos labios do Rózor, e seu halito mais perfumado do que a magnolia do val? Porque não me

O IDEAL

Eu desejava...

A...

Eu desejava
Depôr um beijo,
Depôr um beijo
Nos labios teus;

E que desejo!
Desejo ardente,
Desejo ardente
Vindo dos céus!...

Eu desejava,
Mas em segredo,
Mas em segredo
Dizer que te amo...

Mas tenho medo...
Si a mão me treme,
Si a mão me treme
Eu choro e clamo!...

Eu desejava
Devagarinho,
Devagarinho
E com cautelle,

Dar um beijinho
De coração,
De coração
Em ti, donzella...

J. Lisboa.

Despedida...

A...

—Angelina!
—Carlos!
—Adens, que vou partir...
—Vaiz partir, e deixas-me n'este isolamento, deixas-me morrer de saudades?
—E' preciso que parta, a patria chama-me em seu auxilio, e se a guerra não fór, apontam-me como covarde e fleco desleornado aos olhos da sociedade.
Quem assim fallava era um joyen de vinte annos, um soldado, que a honra o obrigava a partir, para lutar contra o inimigo em plagas distantes deixando, talvez, para sempre, a metade de su'alma, que era a mulher de quem se despedia.
—Adens, repetta o manco, chorando como uma creança, adens Angelina, mas voltarei breve, para que a nossa felicidade seja tão completa como eu desejo.

—Val Carlos, luta contra esse inimigo terrivel que odeio com todas as forças de minh'alma, porque vai roubar-me o meu amor. A honra chama-te, deves obedecer-lhe.
Ambos choravam aquella separação que os matava.
De repente ouviu-se um tiro.
—O que será? perguntou Angelina assustada, agarrando-se a Carlos.

—Não é nada; é simplesmente, o navio, que me chama para seu bordo, disse elle com um sorriso de amargura nos labios.

—Adens, Angelina, continuava, amame sempre e esperança em Deus...

Dizendo isto, agarrou com frenesi a linda cabeça da moça, e lhe depôs na testa um casto beijo... e partiu correndo...

Passaram-se cinco mezes. Angelina está muito triste, ha vinte dias, que não recebe carta de seu noivo.

—Como estará elle? dizia as vezes, o que aconteceria?

Uma occasião, ao deitar-se, ouviu bater a porta, abriu-a, e recebeu das mãos d'uma criada, um envelope, Rasgou-a ansiosa e leu...

—Morto, sim elle morto, meu Deus, e cahiu desmaiada...

Levantam-na, e levaram-na para a cama...

Estava morta...

J. Lisboa.

Lembras-te?

A...

Lembras-te dos dias felizes e das agradaveis diversões que tivemos em nossa terra natal?

Eramos, então, duas creanças: brincavamos e cantavamos da mesma voz: viviamos sob o mesmo tecto, e a fardinha, quando o sino da ermida annunciava a Ave-Maria, iam-nos ajoelhar junto á nossa tia que nos ensinava a recitar o Padre-Nosso.

—Como eramos felizes, então?
—Amávamos-nos como irmãos, participavamos das mesmas alegrias, e, quando nos haviamos de separar, choravamos lagrimas de saudades...

Lembras-te?
Foi em uma tarde de dezembro, á sombra de uma florida mangueira, que jurámos amar-nos eternamente.

—Não te recordas, certamente...

Languterres.

FINADOS

No meio do bulleio mundano, no centro dos prazeres e alegrias, ha tambem um dia de luto e tristeza.

Nem tudo no mundo é prazeres, ha tambem dores e afflicções. La disse o poeta.

Si vem depois dos males a ventura,
Vem depois dos prazeres a desgraça.

Após um dia de contentamento, em que

trazis, ao menos mal ouvido, o rigo somno e meu noivo que ha dois mezes partiu d' estas plagas?

—Terrei! disse a elle que a sua imagem ainda existe em meu coração. Sua sa, minh'alma, bafeja com o vosso sopro no bafeja as fronteal pacificas da maneira.

—Imitae, oh sabia, que soluea na palmeira, a voz crystalina de Rosor. Imitae, para que eu possa ouvir como outrora a palavra mais bella que fugia de seus labios de coral—amo-te.

Seu peito arfou; um fremito um tanto ligeiro brincou nos selos da donzella e seu coração tremou dentro suas aivas e suas carnes como treme a flor que beija as aguas diaphanas do regato quando se ate as expansões da brisa.

Lucer divison, lá no horizonte, bem no lugar onde vê-se a seu deitar-se nas murmurantes aguas do mar, uma velliha branca surgiu.

A barquinha pouteo a pouco aproximou-se. Ao ancorar, um sopro de amor ja tou-se na fronte da virgem. Ella finha visto Rosor.

O manco saltou, correu e cahiu nos braços de Lucer como o orvalho na corolla da flor.

Um beijo nodou-lhe a face virginal.

O sol cambaleava no occaso.

M. Viriato Correa.

DEVANEIO

A R L

Era tarde.

O sol poente derramava sobre a terra os seus ultimos raios, e os passarinhos, trinando, procuravam os ninhos e os companheiros.

Ouvindo o mavioso canto do sabia, que, perto, na malta, despedia-se do rei dos astros, resolvei dar um passeio pelo prado visinho a fim de apreciar o canto das aves, e para vê se conseguia desvaneer a terrivel paixão que me dilacerava o peito.

Baldado intento: a cada passo via levantar-se junto a mim o vulto esbelto de Alice; o canto dos passarinhos me fazia esquecer; tudo, afinal, me augmentava o soffrimento; ao contrario do que eu esperava.

Reconhecia.

Vendo que cousa alguma me faria saber da prostação em que me achava, dirigi-me para casa, e, ainda lá não havia chegado, já Venus se mostrava brilhando no Occidente.

Fiquei então com o coração mais tranquillo, e todas as noites dirigia minhas vistas para Venus, onde distinguo a cada olhar a visão de meu primeiro amor.

Languterres.

O IDEAL.

nos divertimos, em que riamos folgamos, sem pensar em dores e desgraças, com o espirito distraído e alegre, pensando nas glórias do futuro, eis surge a aurora de outro dia, em que nossos corações enlutados, cheios de magoa e saudade, correm a tributar um testemunho de affetto, uma lembrança áquelles entes queridos que jazem debaixo de uma fria louza, que talvez estejam esquecidos do mundo e que d'elle só tem uma singella inscripção na sepultura, mandada gravar pelos entes queridos que o viram succumbir e que choram a sua perda.

Rain a aurora do 2 de Novembro, dia em que se commemoram os finados.

É um dia triste este!

Só se ouve o plangente dolor dos sinos, convidando os fiéis a orar pelos que já não existem. A esposa carinhosa deixa a sepultura do adorado ente que por breves annos foi seu companheiro nos infortúnios da vida, vai chorar por elle junto dos seus restos mortaes.

O esposo que com o coração amargurado pela lembrança da mulher que tanto amou, corre tambem ao cemiterio para passar alguns instantes junto d'esse restos adorados.

O filho que sente a cruel perda de seu pai ou de sua mãe lá vai tambem deixar a sua coroa luctuosa de saudade na ultima morada d'esses entes queridos.

Ruim é um dia de lagrimas, de luto e de dor.

Si na vespere riamos e folgavamos, n'esse dia choramos saudosos.

Nem tudo no mundo é prazeres e alegrias.

«Si vem depois dos males a ventura
Vem depois dos prazeres a desgraça.»

G. Souza Junior.

Um sonho d'amor.

A'

Rio, flor, insecto y ave,
Pensiles y soledad,
Sombra leve y aura suave
Nos estan diciendo: *amad.*

Ardias.

Oh! donzella gentil de quem minha alma
N'um desejo de louca, atencioso,
Procura receber sorrindo calmas
Amor immaculado.

Fiz-lhe a vontade? daihe o teu amor,
casto

Como o canto singelo que desprende
A meiga rola do arvoredado basto
Aes ares qu'ella fende! . . .

Oh! da-lhe o teu amor! Não vês as aves
Gorzeando nas franças do arvoredado,
Como noivos em frente ás bentas naveas
Murmurando um segredo?

Não vês as flores s'entr'abrindo lesta
Recebeudo no seio o fresco orvalho?
Não vês a folha sussurrante em festas
No seu frondoso galho?

Não vês como lá vão sorrindo calmas
Os noivos que se amão, entrelaçados,
Fruindo os gozos de seus dias almos
De flores tapetadas?

Não vês como ao amor tudo convida?
Bem vês... então amemos castamente...
Oh! tu nada a mim?... sonho, querida
Não vês?... mas loucamente...

Lisboa Filho.

COISAS...

Noite plenilunar!

A rãinha do espaço surgiu no hori-
zonte, derramando sobre a terra sua
luz branca e intensa.

Xisto Mendes, á janella, contemplava
blanca, essa excoisa obra da natureza.
Um relógio batem litta e compassadamente
deiz badaladas, que despertaram-n'o
da doce seisma em que tinha-se engol-
fado.

As ruas abandonadas, havia pouco, pe-
las pessoas que transitavam, estavam tão
ermas e silenciosas que ouvia-se dis-
tinctamente ao longe o monotonico e fasti-
dioso ladrar da cançada vadia.

Retiram-se da janella, fechando-a her-
meticamente, murmurando algumas pa-
lavras imperceptiveis. Chegou-se para
junto d'uma mesa que achava-se no meio
do vasto salão da sua morada, puxou
uma cadeira, sentou-se, abriu a gaveta e,
tirando d'ella uma folha de papel e al-
guns fragmentos de carta, começou a tra-
çar linhas sobre linhas, no papel.

Repentinamente levantou-se, como
que impellido por uma moia; correu
pressuroso á janella, e abrindo-a, alliou
para todos os lados da rua, como se
procurasse sondar as trevas. Passado
algum tempo, retirou-se e tornou a fe-
chala.

Sentou-se de novo junto á mesa e
com as mãos apoiava a cabeça cordada de
bustos cabellos.

Monologando dizia:

Eu amo-a e ella desdenha-me por
causa d'um pedante, d'um bonifrate!
Devo morrer, dizem elle desanimado, para
que não sirva de estorvo a ninguém.

Mas, eu que a adoro tanto! É impos-
sivel não amar-me ella: pois eu que le-
nho-lhe tanta affeição, a esse anjo, crea-
ção de Deus, por mim amado! Não. Es-
ton convencido de que ella não ama-me
e eu devo morrer. O amor é um dos sen-
timentos mais corruptos da vida social
do homem.

A' todos eu pergunto o que vem a ser
o amor, o tenho em resposta uns risos
zombeteiros e sarcasticos. Devo despres-
sal-a, mas vejo que não tenho força mo-
ral bastante para repellir tao brusca-

mente esse flagello que facera e ao
meio tempo dulcifica a alma.

Ítzia-me alguém que o amor das
cozas era ephemero; deixei de acrol
mas, hoje estou certo de que é uma
realidade.

Que resta agora? Morrer!

E Xisto Mendes, possuido d'uma en-
gia sobrenatural, porém, com passos in-
tubercantes como se estivesse embriagado,
encaminhou para um armario e, de-
pois de abri-lo, tirou com mãos tremu-
las o instrumento com o qual devia per-
petrar tão hediondo suicidio.

Esteve indeciso e vacillante por alguns
momentos, olhando extatico para a pistola
que, engatilhada, estava entre seus dedos
maelentos.

Então, tomando uma attitude um pe-
co resoluta, escolheu o sitio ou parte do
seu corpo em que devia disparala.

Decorreram quinze dias depois d'esse
noite de tentação, quando encontrei-me
com Xisto Mendes que desembarcava
acompanhado d'uma gentil signorita que
desposara, havia pouco!

Fizera uma viagem mais curta de que
era de esperar e que certamente não era
do outro mundo!

O. Galvão.

Partida

Foi em uma tarde; mas uma tarde
«clavada com os poeticos encantos da na-
tureza», em que a brisa murmura em cada
folha, em que o pintasilgo trina em cada
galho, em que a jurity soluca em cada
mouta...

O sol já pouca a pouca transpando a
franja do horizonte e o vapor dava o ul-
timo signal de partida.

De bordo eu contemplava a Amarra-
ção cercada por suas alvas collinas de
areia finissima, e a dor incomprehensivel
da saudade, que eu desconhecia, come-
çava a opprimir-me o coração.

Sim; eu começava a sentir saudades
dos dois objectos que mais amo na vida
e que principio amar desde pequenino
— meu bervo e minha familia!

Deixava meu bervo em cujo seio o sa-
biú gorgela em cada arvore, o lyrio vi-
veja em cada campo, onde o Paranyto
serpenteia entre Piahy e Maranhão,
como que ligando-os em um estreito e
fraternal laço de agua crystallina!

Deixava minha familia em cujo seio
frui a quadra mais feliz de minha vida—
a inevitavel, a saudosa, a passageira in-
fancia!

O vapor partiu!... corria... e eu ollava
as verdes florestas de minha terra
que estendiam-se ante minha vista como
um mar de esmeralda e das quaes afes-
tava-me para longe, para plagas desco-
nhecidas!

RABISCOS

Secção alegre

O vento ondeava a superfície da água onde algumas gaivotas roçavam ligeiramente a ponta de suas azas e eu sentia cada vez mais a saudade despedaçar-me o coração de encontro ao peito!...

O solo do meu berço desaparecia: a meus olhos e a Amarracão já ficava distante, mui distante... porém ainda eu divisava um pedaço de panno tricolor agitado pela melliciosa e grata brisa do Piahy — era a bandeira de minha patria que tremulava n'um mastro à beira da praia e a quem lancei o ultimo, o derradeiro adeus!...

E o sol sumiu-se na orla doOURTADO occidente, envolto em nuvens cinzentas; e o Piahy sumiu-se na fimbria esverdeada do mar, envolto no horizonte e lagrimas rolaram de meus olhos à água verde do Atlantico, o oceano que beija as praias do Estado em que nasci!

Mas ainda est contemplava um objecto que fazia-me recordar o meu berço, a minha familia, a minha infancia, o unico que eu podia contemplar na vastidão em que me achava — era o céu azulado, sereno e puro de minha terra que tantas vezes contemplei, quando marchetava-se de nuvens coloridas, lá na minha Ocitans!...

E a brisa maritima soprava e eu chorava e o vapor corria sobre a água esmeraldina do Atlantico-oceno, que beija as praias do Estado em que nasci, do qual afastava-me para longe, para plagas desconhecidas!...

Foi em uma tarde de Novembro...

Luiz Carvalho,

REPUBLICA!

As Eugénia Frazão,

Um indio inda moço jazia no mundo
Sujeto ás maldades d'uma chefe cruel,
Trazia nos hombros ja rito burel
De velhos farrapos, ja podres — inumundo.

Dormindo elle sonha... Meu Deus que sonhou?
Que viu d'entre as sombras do verde vegetal,
Nas bellas pinturas de fino painel,
Dizerem sorrindo: — Brazil aqui stou.

— Quem sois? o dizai-me, dizai-me depressa!
— Eu sou: uma diz, — a Igualdade, formosa
Na vida dos pobres, — a vida alicerosa.

— E tu? — Liberdade. Meu nome é o encanado
Dos pobres, do povo, dos matos — o espanto...
A lamina aguda que os matos abra vossa.

Liábá Filho,

Eis-me de volta de S. José,
Vim de lá, bastante refrescado e tam-
bem muito zangado.

Pudera não! pois o sr. meu mano,
lembrou-se de (na minha ausencia) cha-
mar-me *«cabrito pellado»*.

Isto não se faz. Olhe, sr. Maneco, que
nós somos *«filhos do mesmo pai e da
mesma mãe»*, si eu sou cabrito pellado,
tenho muita honra n'isso, e o sr. que é
mais velho do que eu, tambem não de-
ixa de o ser.

Não contente com isso, o Maneco pôz-
se a fallar do Marquez de Green-Ra-
mage.

Mas, Maneco que te importa, tu, com
a vida alheia? não é bom emprego, e de-
mais o Marquez que não é de brinqued-
os, pode pedir-te uma reparação pelas
armas, e tu que nem pegar n'ellas sabes,
podes ficar espetado com uma estocada
ou com os miollos chamuscados por ti-
guma balla. Apesar de tudo isto, logo
que li n' *O Ideal* as fristezas do Marquez,
escrevi-lhe um bilhetinho, concebido,
nos seguintes termos:

«Não chores marquez, não chores,
Si o divorcio não passar,
Passará a hygamia...
Com outra podes casar.»

Depois mandei para o inferno o Mar-
quez, o divorcio, porque seu deveres
contrario ao divorcio e á hygamia.

Estava descaucado, quando

«Ouvi á minha porta um soar devagarinho

E disse essas palavras taes:
— Ha-de ser o Maneco que bate de man-
sinho

Ha-de ser elle, nada mais,
Calço as chinellos, deixo o romance

«Que me deixou
Emas saudades immortaes,
Abro a porta, vejo Maneco,
Só Maneco, ninguém mais.»

Ritão exclamou: Oh! caro mano, tu
por és?

— Sim, respondeu-me elle, quero di-
zer-te uma coisa, Gabrion.

— Ritão toca a saltar e fallar que sou
todo ouvido; sabes que sou um pogo; o
que calhe... heh.

— Estou apaixonado; mas, o que se
chama apaixonado, na extensão da pala-
vra...

— Deveras, Maneco?
— Deveras, Gabrion.
— E como se chama a tua deidade? Se-
rá Fredegonda?
— Não, Brunehatta.

— Brunehatta?! Oh! mano, que no-
me!...

— Agora, já que sabes o nome da pe-
quena, dá-me a tua opinião.

Atrapalhado com o tal pedido do meu
mano respondi:

— Si é feia não essa; pois além de ter
o nome levado da breca, é feia...

Com tal opinião sahio o Maneco, dei-
xando-me atordoado com o nome de sua
apaixonada — Brunehatta!

Debalde estudói; não me sahio do pen-
samento esse terrível nome; quiz dor-
mir e sempre Brunehatta em meus la-
bios!

— Depois de algumas horas de terrível
lucta comigo mesmo, pude conciliar o
sono.

Mas ah! acordei logo depois com um
enorme pontapé na barriga!

E pensando ser algum fantasma que
estivesse perto de minha rede, alisei o
meu velho travesseiro que lhe pegou em
chão na cara, quando ouvi um:

— Que diabo é isto?!
Pela voz, conclui que estava *face a
face* com o Stenio Balmino.

Logo que o reconheci, soltei uma pro-
longada gargalhada que foi ferir os ou-
vidos do collega ainda gemendo com a
dôr da pancada.

Com o seu genio terrível, elle gritou:
— Não rias, Cabrion, não rias por que
estou furioso.

— Mão, mão, respondi-lhe; um jó d'a-
qui sahio depois de aborrecer-me, com
o tal nome de minha futura cunhada.

— Cabrion, Cabrion, disse o Stenio, a
acabo de ler a *Parotilha* e vi uma felici-
tiação que tem muitos trechos iguaes á
minha variedade publicada no ultimo
numero d' *O Ideal*. Vê.

Tomel o jornal, li e certifiquei-me da
coisa. O Stenio não deixava de ter suas
razões.

Consegui, enfim, abrandal-o e não foi
sem custo que elle resolveu a retirar-se
e deixar-me descaucado.

Depois que elle partiu soltei ainda al-
gumas gargalhadas lembrando-me do
nome da cunhada e do travesseiro.

Apri!

Cabrion,

A classe estudantil, de que fazemos parte,
recebeu hontem um delicado officio do sr. co-
ronel Braz Abrantes, digno Commandante do 5.^o
batalhão, em nome da distincta commissão dos
festivos do dia 15.

Vosso officio, em resposta ao que a mesma
classe lhe dirigiu, narrando os termos successi-
vos na tarde do dia 15, o sr. coronel Braz
Abrantes em amistosos termos, renova o con-
vite á classe, reservando-lhe um lugar á testa da
columna.

O *«Ideal»*, em nome da classe estudantil, agra-
dece profundamente ao digno commandante.

Maranhão—Typ. de Antonio Pereira
Ramos d'Almeida & C. Suêres.

O IDEAL

ORÇÃO LITTERARIO E ESTUDANTAL

ANNO I

Obrceiros do progresso eu vos saúdo,
Filhos de minha patria, eu vos bendigo,
Coragem luctadores!
A. Pereira.

NUMERO 4

EXPEDIENTE

«O Ideal» sahirá uma vez por mez, em dias indeterminados.

Redacção e administração
Rua Formosa n. 18.

O IDEAL

A instrucção e o saber

Nessas estradas margeadas de rochedos escabrosos que a vida nos deita, nesse correr precipitado á borda do abysmo horroroso da ignorancia, nessa másmorra nefanda que se chama viver, vemos sempre rasgar as nuvens negras que toldam os nossos horizontes adormecidos, uma estrella branca, como a brancura virginal de Diana, e illuminar as espheras calladas dos cerebros e guiar-nos passo a passo nas veredas mundanas.

Essa estrella é a instrucção.
Embora esse sol no alvorear magestoso no ceu da nossa vida não nos lance raios fortissimos, embora pare lentamente aos nossos olhos, devemos caminhar, tropeçar e lutar para quando elle pousar no zenith formoso do nosso existir, os nossos corações estejam florejados pelo nectar sublime que elle deita — o saber.

A instrucção e o saber! Eis as duas palavras que resumem a alegria exulta e a tranquillidade da nossa vida n'este mar de illusões — o mundo. Uma, solta harpejos de doçura no coração do vivente e a outra canta e rebôa no mundo inteiro.

Se ouvirmos a admiravel maxima d'um dos celebres sabios da Grecia que diz: «A felicidade do corpo consiste na saúde e a do espirito no saber»; conhecemos que devemos nos banhar n'essas aguas crystallinas para então podermos contemplar o ceu diaphano da instrucção que agora começa a surgir para os mais novos.

Atraz do saber, d'esse mar de flores

onde as vagas gentis baloçam o nauta com dulcor, atraz d'esse universo onde as estrellas que rutilam são diamantes preciosos é que nós, moços ainda, com os corações ardentes, seguimos com fervor, qual o desterrado corre para receber os beijos da mulher a quem ama.

Agora é que a penumbra rosea da instrucção começou a romper-se para nós; porem a estrella fulgurante do saber ainda nem se quer apresentou-nos os primeiros vislumbres do nascer, no circulo encoberto da nossa minuscule intelligencia.

Ha de surgir! porque a sede que sentimos, a vontade inexaurivel que derrama os nossos corações de jovens, ha de ser premiada por Deus como foi premiado Tiradentes, 97 annos depois do sonho sublime que teve.

Tiradentes pagou tributo — o patibulo — e nós estamos pagando — o trabalho.

Não anhelamos a gloria porque essa só adeja nos monumentos dos entios.

Lutemos!



Angelo

Ao Eugenio Frazão

Era no outonno. O dia estava quasi acabado; o crepusculo ia-se espraiando; a noite corria seu negro e tenebroso véu pelo firmamento.

Por um invio e deserto caminho estelrado de matto, por onde raras vezes alguem passava, via-se um vulto a cavallo.

Um jovem de cerca de vinte annos, de olhar sympathico, fronte altiva e bella, cavalgava um magnifico corcel.

Suas faces bellas tinham impressa profunda tristeza, seu coração transbordava de magoa.

Angelo amava; amava, porem, essa creatura que era o seu idolo na terra, essa creatura por quem daria a própria vida se lh'a exigissem, ella cruel e com sorrisos desdenhosos, desenganara-o.

Margarida, assim se chamava ella, zombando do affecto puro e casto que Angelo lhe dedicava, havia despozado um outro jovem na vespera do dia em que encontramos Angelo no deserto.

Minado por tão fundo desgosto, acobruhado por essa perda irreparavel,

Angelo resolvera partir; partir, para ver si calava em seu pensamento a lembrança d'essa creatura que tanto mal lhe causava.

Caminhava, ora a passo, ora a galope, sem ouvir o trinar das aves, sem ver as caças que corriam ao tropear do cavallo, sem se lembrar das feras que o podiam accommetter.

Exhausto de cansaço, Angelo deixou pender a cabeça sobre o peito e adormeceu.

Um pouco longe, apegar da escuridão da noite; devizava-se uma toalha branca e larga.

O infeliz cavalleiro achava-se no cumme de um monte, e o cavallo sem governo de redias descia apressadamente dirigindo-se á branca e espumosa toalha do mar.

No sopé da montanha, para onde cavallo e cavalleiro se dirigiam, cavava-se um profundo abysmo.

Em poucos momentos, o cavallo assustado já pelo marulhar das ondas, pela escuridão da noite, correndo desenfreadamente atirou-se com seu infeliz amo, na salsa voragem.

Suspense sobre o abysmo, Angelo conhecendo ao despertar da lethargia em que se achava immerso que iam findar as suas magoas clamou: Adeos Margarida morro te amando!

E seu corpo sepultou-se no immenso oceano.

U. Souza Junior.



O AMOR

A' Lisboa Filho.

No crystal matutino das aguas do niveo regato que corre cercado d'areia, na corolla purpurina da rosa da manhã, no peito dilacerado do mortal que chora — onde mora o amor.

O amor, esse colo vespertino que banha um coração d'um feliz viver eterno, essa vaga murmurante que salva o naufrago de mergulhar nas profundezas negras do oceano sem limites, é mais bello que a belleza.

O amor é o Ahasverus do coração.

Sim! Mas esse Ahasverus não é detestado e as tendas por onde passa, não ouve uma só voz que lhe diga: caminha!

não é horrorisado pelas virgens que o vêm, ao contrario, é beijado pelos labios rubros de quem o sente.

E' Abasverus porque corro todos os corações.

As vezes de repente pairando no coração d'um mortal, elle deixa cahir flores odorosas e segue cumprindo a sorte que a natureza lhe deu.

O amor é bello, mas o amor tambem é logo. E' bello porque a cada passo que dá nas veredas marejadas de flores aromaticas, elle semeia felicidades, qual o ceifador espalha o trigo nos campos verdejantes que planta. E' logo, porque quando deixamos voar dos nossos labios essa palavra doce que traz a doçura do existir, quando juramos aos pés da virgem casta e singella, as nossas faces revestem-se de coral e o fogo do amor que se chama pejo, queima as petalas de rosas que se desfolham nas nossas fronteiras.

E' fogo porque as vezes traz tormentos...

Viriato Corrêa.

Evocando a memoria

A' minha irmã A. Carvalho.

Vou contar-te uma historia, minha irmã, mas uma historia verdadeira. E' apenas um resumo d'aquillo que ha quatro annos presenciei quando uma tarde passei nos bellos campos da Parna-hyba.

Eram seis horas da tarde, essa derradeira nota do dia que morre, esse primeiro signal da noite que chega.

Ea compunha um lindo e variado bouquet com as florinhas que aqui e alli desabrochavam por entre os arbustos, ao tenue sopro da brisa que passava, as florinhas silvestres que matizam o solo d'aquelles campos.

Estava occupado nessa mimosa collecção, quando os sons tristes e commove-dores de uma flauta, chamaram-me a atenção para uma alva espinha que mal avistei atravez das verdes cortinas das folhagens de uns cajueiros.

Com a curiosidade propria da juventude, encaminhei-me para aquelle domicilio. Quando lá cheguei a flauta tinha emudecido e um quadro triste apresentou-se a meus olhos: — em um pobre mas singelo leito, jazia uma virgem agonisante — pallida como o alabastro, bella como a aurora. Um raio da luz morna do crepusculo cahia sobre seus cabellos louros que pareciam, á primeira vista, uma aureola de ouro semelhante aquellas que cingem a fronte dos Martyris do catholicismo.

Ajoelhado ao pé do leito um joven chorava dolorosamente.

— Oh! di-la a donzella, como me é doce ouvir essa melodia sublime que embalou o berço do meu amor!

Nesse momento o sino da Graça soluçou melancolicamente e compassadamente a Ave Maria.

Fitando um pedaço de céu que avistava-se pela janella aberta, ella continuou:

— Maria! Oh Maria cheia de graças, virgem entre as virgens, mãe entre as mães, intercede por mim nesta hora em que o sino clama teu nome, nesta hora suprema de minha vida!

Olhando aquelle que chorava junto ao seu leito, continuou:

— Adeus, Heitor, meu noivo, unico ente que amo na vida! Nosso enlace foi impossivel neste mundo; não será, porém, lá no céu onde o amor é mais puro!

Recorda-te de mim, de nossas conversações amorosas, quando a tarde for extinguindo-se... E quando o sino solucar o Angelus como ha pouco, nessa hora sublime e ultima do dia, quando fitares o céu onde correm nuvensinhas transparentes, lembra-te do primeiro beijo que deste-me lá á sombra do cajueiro, quando a jurity soluçava, quando Vesper começava a brilhar no céu limpido e azul desta terra!

E quando desceres ao rio, na hora em que o sol vier dourando os picos dos montes e os cimos das arvores, quando o sabiá cantar na malva, lembra-te d'aquellas manhãs formosas que iamos ao Igua-rassá contemplar o correr incangavel das aguas e as garças que mariscavam pelas margens... Recorda de nossos passeios por estes campos verdejantes, onde a natureza formou o quadro mais grandioso e sublime!... e quando as flores começarem a abrir seus calices perfumosos, colle-as e desfolha-as sobre minha camp, lá no cemiterio...

Toma esta rosa, a mesma que deste-me quando pediste a minha mão e sobre a qual jurei ser tua; guarda-a e á vista della resa por mim!

Pensa em mim, lembra-te de tudo que te dei, porque desapareço deste mundo de iluzões...

Adeus, meu noivo, adeus!

Lagrimas corriam de meus olhos e soluços roucos partiam do peito d'aquelle noivo infeliz.

Kotao, olhando para as flores do meu bouquet, desfolhei-as sobre o cadaver d'aquelle anjo que tinha voado ao céu naquella tarde de primavera, á hora do crepusculo vespertino.

Hoje, minha irmã, se fores passear no Cemiterio da Parna-hyba, verás uma camp sobre a qual medram innumeradas sempre-vivas e ajoelhado junto della um joven que tendo na mão uma cruzinha de ouro, murmura uma oração. Esse joven é Heitor que ora junto á sepultura de sua noiva.

Tão grande é o amor!

L. Carvalho.

Sentimentalista

Havia uma semana que a lua magestosa mostrava-se, percorrendo a abobada celeste.

— Quão formosa está a noite! — exclamou Rosevanda que era uma menina de 16 annos.

Fitando o firmamento, com voz tenuissima, mas segura, e com um sorriso angelical que se lhe desprendia dos labios de carmin, disse: Dois dias ha que o espero e o ingrato não apparece... Esqueceu-me.

Em seus meigos olhos assomou uma lagrima, que assemelhava-se a uma gotta de orvalho...

O seu coração inteiramente adormecido sob o encanto de enganosas palavras — ignorancia do amor, fora despertado por Gaetano, da innocencia em que jazia.

Gaetano era um esbelto rapaz de 20 annos, que vettera no coração de Rosevanda por meio de palavras insinuantes um sentimento honesto, e, a virgem enlevada, julgou-se obrigada para sempre sob essa pueril phantasia...

A lua no gyro seu constante banhava-lhe o rosto com seus raios de prata.

Rosevanda inquiria as estrellas:

— Vós, estrellas que fulgurais, e que sois as mensageiras da chegada de Gaetano, dizei-me se elle tarda por motivos involuntarios ou se por acaso abandonou-me?

As estrellas, insensíveis ás suas perguntas, seguiam placidamente acompanhando a rainha da noite e Rosevanda soluçava amargamente.

A voz longinqua d'um cantor nocturno chegou-lhe aos ouvidos.

O seu coração pulsou com mais força, julgando que seria talvez a voz de seu adorado Gaetano. Com effeito; passados alguns minutos de completa ansiedade, o cantor aproximou-se, e Rosevanda não teve, então, a minima duvida em acreditar que era Gaetano.

Ella chamou-o pelo nome varias vezes e Gaetano nem se quer disse-lhe um — Adeus.

Sim, sim — disse ella extatica e livida como um cadaver; sei que já não sou mais amada e para cumulo de meus infortunios, aos quaes não resistirei, devo fugir, porque sinto a mão da morte tocar-me os hombros... Meu Deus! exclamou ella; livrai do caminho sinuoso da vida esse ingrato que desprezou-me depois de aprofundar-me em seu inextinguivel amor. Guai-o, não obstante ter elle essa volubildade criminosa, para que não o deixeis cahir um dia no incommensuravel abyssmo que conduz ao desespero.

Depois de curta pausa, continuou ella: Tenho ainda n'alma o — sentimentalismo, idea acrysolada e exuberante de espirito que patentea-se nos momentos criticos de nossa existencia; é ainda esse balsa-mo dulcissimo que allivia as maguas causadas nos fortes pelos fracos, e elle me ha de amparar. Porque falla clara e altamente nos corações; reprimindo as instigações funestas. Mas eu, meu Deus, não persistirei, porque vejo que é impossivel viver mais algumas horas, sentindo, como sinto, o dedo oppressor da morte sobre a veia do meu coração.

Por isso, vos peço, meu Redemptor,

O IDEAL

que me ajudeis a transpor o umbral que conduz ao termo da vida.

Consequentemente, Rosevanda conservando a primitiva idéa dispoz-se a levar a effecto o seu intento de ha pouco pensado.

Já o alvor da aurora feria o sereno horizonte, quando ella corria pelos campos agrestes e alagadiços, em busca de sua eterna morada, que era uma profunda cisterna, quasi sem agua, onde ella foi espedaçar o corpo angelical...

Enquanto ella, victima do amor, commettia esse acto de desespero, o deshumano Caetano dedilhava sua lyra, acompanhada de alegres canções.

Otario Galeão.

Echos da redacção

Uma composição do nosso distincto collega N. Veras—o O Ideal—foi nos offerecida, cavalheirismo que agradecemos—Agradavel ao ouvido, tem a walsa uma parcella da intelligencia do distincto collega.

No dia 3 do corrente, fomos assistir os exames do collegio—o Jesus Maria e Jose—para os quaes fomos delicadamente convidados pela distincta directora, a senhora D. Maria Pereira dos Santos Pinho. A dedicacão e intelligencia da directora foram coroadas de brilhante exito por parte das alumnas, que—demonstraram a sua applicação ao estudo. A exposicão dos trabalhos, demonstrou-nos a habilidade e aptidão, tanto da directora como das intelligentes meninas.

Faz annos no dia 22 do corrente, o nosso mestre e amigo dedicado, o conego Dr. Leopoldo Damasceno Ferreira.

A redacção do O Ideal saudou-o alegremente desejando-lhe venturas n'esse valle de lagrimas.

Lucio e Georgina

Do Lisboa Filho.

Kram elles duaz creanças.

Viram-se pela primeira vez ao longo de uma praia, e, como é natural, na infancia, travaram relações de amizade.

Foi em uma tarde sombria

Dissipado o acanhamento, começaram a brincar na areia da praia, divertindo-se em apanhar as lindas conchas que encontravam á beira do mar.

De subito deixaram o divertimento e entreolharam-se tristemente: uma fita que atara ás louras tranças da gentil menina desprendera-se, e fôra, impellido pelo vento, cahir a alguma distancia, dentro da agua.

Lucio, vendo desaparecer pouco a pouco a fita, lança-se ao mar, e depois de apanhal-a, volta e apresenta-a á loura

Georgina que para retribuir tão grande dedicacão, depece-lhe na fronte um ruidoso beijo, que foi o sello de seu amor.

São hoje casados, e vivem felizes.

Langulterres.

No baile

A' R...

Seu porte era bello. Seus negros cabelos
Tão negros, singellos
Eolavam nos hombros quaes ondas no mar...

Lisboa Filho

Eu vi-te no baile. Quanto eras formosa!
Teus labios de rosa fugiam do mim
P'ra outro que eu sei...
Teus olhos brilhantes, tão lindos, tão bellos
Tão negros, singellos, fulgiam no rosto,
No rosto que ameí!...

Travavas de branco formosa donzella,
Qual Venus—estrela—que brilha no céu
Do meu coração...
Senti no meu peito uma chamma tremendo
—Amor insolente que hoje inda sinto...
Amo-te... perdão!...

Perdão ó creança ao pobre e ousado
Que triste e coitado suspira de amor...
Com louca paixão,
Eu sinto no peito uma chamma tremendo,
Um fogo inclemente que não sahirá
Do meu coração!...

J. Lisboa.

A Instrucção

Do Lió.

Ha mais luz nos vinte e quatro
E tras do alfabeto, do que
em todas as constellações do firmamento.

Guerra Junqueiro.

A noite é negra. Mas a planta immunda,
—A ignorancia que cobre a humanidade—
Esta que nasce aqui, além e abunda
Na pobre aldeia e na gentil cidade,

Que vicia na raiz sendo a coltada
Pelo vento—a instrucção—que vem do norte
Continua a crescer, mas notado
Sempre a faz vergar mais, ser menos forte.

Amanhece. E já o ceifador—o mestre—
Co'a foice do talento vem; e o alpreste
Arbusto immundo arranca da raiz...

Deixa crescer a plantaçao viçosa...
E toda a planta de florir gostosa
A nobre mão do ceifador bendiz...

Das «Primicias».

Lisboa Filho.

Amo-te

A...

Amo-te linda encantadora joven
Amo tua bocca pequenina e bella
Amo tuas tranças de cabellos bastos
Amo tua face juvenil singella.

Amo teus olhos de brilhar sereno,
Amo teus labios de rosada côr,
E esse teu collo offegante e puro:
Tudo conjuncto de inspirar amor.

Ouso dizer-t'ó adorada virgem
Porque tão mudo já não posso estar:
Duvida crua me abraza o peito,
Fero ciume vem-me apunhalar.

Dize-me pois, e si sou correspondido
N'este amor que por ti sinto qu'rida...
Si em resposta *sim* tu me disseres
Feliz e alegre passarei a vida.

Si um *não* me deres tu verás creança
Minha ventura se trocar em dôr,
Verás o hardo maldizer sua sorte,
Chorando sempre seu constante amor.

C. Souza Junior.

Fui um louco

A' L...

Fui um louco, mulher, te amando tanto!
Fui um louco suppondo que meu pranto
Podia te abrandar.

C. Vianna.

Fui um louco em amar-te com loucura
Sonhar teus olhos cuja luz tão pura
Me fita com desdem...
Mas teu amor queimou-me logo o peito
Dilacerou-me a alma que no leito,
Repoisava tambem.

Fui um louco creança! Mas teus olhos
Me atiraram com força nos abrolhos,
Que são o teu amor...
Cahi bacchante, sem pensar na vida
Trocendo sobre esse mar—na lida—
Cahi no teu fulgor!

Eu quiz creança esquecer tua imagem;
Quiz esquivar-me da fatal miragem,
Que em meu peito gravou;
Porem Cupido o seu pincel tomando
Formosa—n'um painel te retratando
Em minh'alma o deixou.

Corri! Quiz apagar a chamma ardente
Que queimava meu peito adolescente,
—Matava meu viver!
Minha vida—a barquinha que quebrou-se
Minh'alma—flor do bosque que mur-
chou-se

Apenas ao nascer...

Fui um louco em pensar em teus olhares,
E sonhar em mares de rosas—mares
Que se espalharam em mim...

Mas, se teu corpo me surgia lindo,
Minh'alma, pois, no mór viver infinda
Submergio-se emfim!

Pensei! nem se quer uma voz amigo,
Que a felicidade á ternura liga
Chorava minha dor!
Cantei — a tua voz não respondia
Chorei — o meu peito se revestia
Nas loucuras do amor...

Fui um louco! Não! Fui um desgraçado
Que supoz no p'raiso ter entrado,
— Estava no bordel.
Sonhei rolar na felicidade intensa
Estava envolto na illusão immensa
Que só exprime fel.

Fui um louco! Meu Deus! Não fizeti,
agora,
O meu peito tão sereno d'outr'ora
Gemir na solidão!
Mandai um nectar orvalhar-me a alma
Ou uma brisa bafejada em calma
Matar esta paixão!

Viriato Corrêa.

Amas-me!

— A —

Ah! que eu não morra sem provar ao menos
Siquier por um momento, nesta vida
Amor igual ao meu!

G. Dias.

Si tu me dissesse n'um dia formoso:
— Eu tenho-te amor;
O Sól se occultava... ficava em vez d'elle
O teu esplendor,

E a brisa passante mais meiga passava
Deante de nós...
O mar se calava, minh'harpa vibrava
Ouvindo essa voz.

Em festa, minh'harpa, de amor aspirava
Um cantico ao céu...
— Trementes as cordas, meus dedos fre-
mentes,
Teus olhos sem véo.

Um sonho acordado seria esse dia
— Um sonho d'azul...
— Abrisa passante meus cantos levava
P'ros lados do sul,

Si tu me dissesse n'um dia formoso
N'um dia sem véo:
— O amor que te tenho é tão forte, ve-
hemente
Assim como o teu,

E tudo calado no mundo eloquente
— Em torno de nós,
Pasmado ficava: — sorrindo o regato
Seu curso parava, gentil, com recato
Ouvindo essa voz.

Lisbôa Filho.

Partiu! . . .

Ao tripi Parga

Partiu!... Já se foi embora,
Sem pensar no desgraçado,
Naquelle pobre que outr'ora,
Só queria ver amado?
Naquelle que triste agora
Suspira desalentado,
E quem sabe se nest'hora
Geme de dór o coitado?...

Partiu!... Partiu a donzella
A quem dei o meu amor:
A minha amada — tão bella
Fresca e pura como a flor;
Essa rosa tão singella
Esculpida pelo amor;
Essa tão luzente estrella
Cheia de vivo fulgôr!...

Partiu!... Mas sua imagem
Gravada é no coração
D'este pobre que a coragem
O leva, sem compaixão
A sepultura selvagem
D'esse mundo de illusão:
Perdendo toda a coragem,
Desfel-a toda em canção!

J. Lisbôa.

Refugio na lyra

Ao Humilissimo Deceira

Oh! Deus! tu que a fizeste tão formosa
E que em meu peito a chamma fulgurosa
Accendeste do amor,
Faz-me grande de gloria, grande, im-
mensa,
P'ra qu'illa vindo a mim (oh! gloria
intensa!)
Não manche o seu fulgôr!

A florinha do campo — a mais singella
Que respira no campo, não tem d'ella
Encanto que seduz.
O seu cabello solto que voltêa
Na face de setim tocar, recela
— Na face que transluz.

E eu? eu não ousou olhar-a bem a fito
Porque sinto um frémito exquesito
Men todo percorrer.
Mas — Ah! verus do amor — ando buscando
Um refugio na lyra para quando
Sentir-me esmorecer.

Lisbôa Filho.

RABISCOS

Secção alegre

Cabrion vae fazer versos,
Cabrion já é poeta;

Saibam todos d'esta terra
Que não é nenhuma peta:
Cabrion vae fazer versos,
Cabrion já é poeta.

Sou calouro na poesia,
Mas vou cantar, não faz mal,
Os typos que fazem parte
Da redacção d'O Ideal;
Sou calouro na poesia
Mas vou cantar, não faz mal:
O Maneco enrodilhado
Co'a Brunchalla se vio,
Por ella morre de amores,
Por ella paixão sentio;
O Maneco enrodilhado
Co'a Brunchalla se vio;
O Quincas todo tristonho,
Aborrecido e massado,
Anda agora mui rauhento
Por ficar desamparado;
O Quincas todo tristonho
Aborrecido e massado;
O Chico de cara alegre,
Como rocha na firmeza
Lá n'um largo da cidade
Vae espriar a belleza;
O Chico de cara alegre,
Como rocha na firmeza,
O espevitado Guterres,
Homem com voz de trovão;
E' o typo aristocrata
D'esta nossa redacção,
O espevitado Guterres
Homem com voz de trovão.
O Luizinho innocente
Sabe gosar esta vida,
Sinhoncto mil phantasia
Para uma nova — Partida —
O Luizinho innocente
Sabe gosar esta vida;
Minhoca de Pirapemas
Contando cousas e lousas,
Com voz de gaita fanhosa,
Diz: — Gentes deixem de couzas!
Minhoca de Pirapemas
Contando cousas e lousas;
O escriptor que é philosopho,
Qu'escrive com sensação,
Sabem quem é? eu vos digo:
E' seu Octavio Galeão,
O escriptor que é philosopho
Qu'escrive com sensação;
O Caetano então cahindo
Ora aqui, ora acolá
Olhou um anjo no mundo
E namorado elle está,
O Caetano então cahindo
Ora aqui, ora acolá.

De vós se despede agora
Vosso amigo Cabrion,
Pedindo que lhe desculpem
Estas linhas de mão ton,
De vós se despede agora
Vosso amigo

Cabrion.

Maranhão — Typ. de Antonio Pereira
Ramos d' Almeida & C. Succs.

Maranhão, 12 de Janeiro de 1899

O IDEAL

ORÇÃO LITTERARIO E ESTUDANTAL

ANNO II

Obreiros do progresso, eu vos saúdo,
Filhos de minha patria, eu vos bendigo,
Coragem luctadores!
A. Pereira.

NUMERO 1

EXPEDIENTE

«O Ideal» sahirá uma vez por mez, em dias indeterminados.

Redacção e administração
Rua Formosa n. 18.

O IDEAL

Confraternização Universal

O dia que vemos surgir brilhante e radioso, immerso na alegria dos povos, esse dia duplamente festejado, é o da Confraternização Universal.

Findou-se o velho anno, e surge o 1.º de Janeiro do anno novo, mais brilhante e mais esperançoso que o passado.

Quando a Republica, essa Deusa esplendorosa, em trajes de gala, radiante de gloria, sentou-se no solo brasileiro, quando poizou o capacete na patria de Gonçalves Dias e João Lisboa, abrindo o manto purpúreo ás margens do Amazonas, acordou o Brazil do somno profundo que ha tantos annos se achava engolphado.

Então o velho Brazil ergueo-se resolutivo, despertou d'essa lethargia immensa e saudando a Deusa que sorrindo contemplava-o, coroando os seus heroicos defensores, discipulos de Tiradentes — uniu-se á Confraternização Universal.

Este dia festejado no Universo inteiro, este dia em que vemos raiar a aurora de outro anno, este dia em que se celebra o circumciso do Redemptor, foi o escolhido para se confraternisarem os povos.

A *quido faz a força*, eis todos unidos, unidos, podem deicender-se, porque são unidos, são irmãos.

A confraternização faz de muitos povos um só, e esse a todos representa.

Que vejamos este dia glorioso raiar por muito tempo, que o anno novo a todos corra prospero e feliz, são os nossos mais ardentes votos, e alegres, cheios de vida e esperanza, saudamos a Confraternização Universal!

DEVANEJO

A' R., L.,

Vae alta a noite.

Em todos os compartimentos do castello «Fontverre» reina completo silencio.

Na janella de um quarto illuminado por fraca luz, vê-se o vulto esbelto de Alice, linda menina, de cabellos negros e olhos pardos, filha do proprietario do castello.

Pouco antes ouvira-se não muito ao longe o som de uma flauta.

Era o joven Luiz, que chegando em frente á janella de sua amada, desprendia do navioso instrumento uma parte do «Trovador».

A virgem, ouvindo o som da flauta, aproximára-se da janella, onde a vimos como que immersa na contemplação de Diana que se mostra em toda a seu esplendor.

Momentos depois não se ouvia mais o som da flauta, e a meiga creança saiu da janella, voltando pouco após com um maguineo violino, no qual executa um trecho do «Guaranys».

Luiz fica extatico, e deixando a flauta, detem-se a ouvir o melodioso violino de Alice.

Languetex.

FELICIDADES...

A' R'''

A tarde morre...

Os passarinhos que ha uma hora antes, voando, cantavam alegremente, agora como que impellidos, como que arrastados por um imã, por um dever, dispersam-se, voam a procura dos seus ninhos, dos seus filhinhos ainda implumes, para levar-lhes o alimento quotidiano. Oh! quanta felicidade gira em torno d'elles n'este momento!

Ei bendigo esses entesinhos da natureza porque elles tambem amam. Elles amam, porque se não amassem, deixariam morrer a miúga seus filhinhos, não velariam pela sua vida que lhes é tão cara!

São ditosos...

E nós seremos tambem felizes?

Nem sempre. Somos felizes, quando ao perguntarmos a pessoa que amamos,

se nos ama, essa pessoa então, cujas faces ruborisam-se pelo pudor, balbucia esta palavra que nos traz tanta felicidade: *sim*

E infelizes quando somos desprezados.

A tarde morre, e eu penso ainda...

J. Lisboa.

PRENDA DE ANNOS

(CONTO)

Alice era uma encantadora creança de seis annos de idade.

Seus lourros cabellos calhindo-lhe pelos hombros, seus olhos tão negros como a densa escuridão da noite, suas faces da cor da rosa bella, davam-lhe o aspecto

estremecida por sua mãe e a terrada por seu pae, Alice não era uma creança caprichosa.

Meiga e terna para aquelles que lhe deram o ser, era obediente e submissa e qualquer ordem por elles dada era immediatamente executada.

Era no dia de anno bom, dia que todos festejam com a mais intima alegria.

Alice brincava na varanda quando seu pae entrou trazendo na mão um embrulho.

Ligeira e alegre como o descuidado beija-flor, respirando os aromas puros da innocencia, Alice correu para elle e disse-lhe:

Papai hoje é dia de Anno Bom e eu quero o meu presente.

Toma minha filhinha, disse elle beijando-a, e entregou-lhe o embrulho.

Ella abriu-o e viu uma linda boneca luxuosamente trajada.

Gostaram os annos, e no decorrer d'elles a creança que ha pouco vimos brincando transformou-se na donzella elegante e bella que excita o amor no coração do homem.

Os dotes da creança correspondiam aos da mulher.

No meio da sociedade, que a admirava, Alice amava e era amada.

Um joven de olhar intelligente e figura sympathica atrahido pela bell sa de Alice havia pedido sua mão.

— Ella já noiva.



O IDEAL

Nesse dia sua casa estava em festa, era o dia de Anjo Bom.

Alice sentada em uma cadeira estofada, lia um romance quando seu noivo entrando, entregou-lhe uma caixa dizendo ser aquelle o seu presente de annos.

Ella recebeu-a sorrindo e abrindo-a viu uma grinalda de flores de laranja.

Dez annos antes quando creanca recebera uma boneca, agora —donzella— a grinalda de noiva...

C. Souza Junior.

O PRESENTE DE FESTAS

A. Cecilia.

Era a vespera do Natal. A tarde estava linda: o sol jôse tiula mergulhado em um mar de ouro, lá para as bandas do occidente e o céu era de um azul purissimo, apenas manchado aqui e allí por nuvens transparentes e delicadas que corriam pelo espaço sem limites. Os passarinhos, desde o collor multicolor até o cordeal escarlate, que haviam abandonado seus ninhos durante o dia, a elles voltavam e, soltando trillo vibrante e prolongado, formavam na copa das arvores uma orchestra deliciosissima.

No jardim de uma casinha, a fralda de uma collina, brincavam duas creancas. Era bello vel-as correndo, saltando em busca das borboletas douradas, como estas em procura do mel das flores, seu delicioso alimento.

De momento a momento paravam, e quando o eco, segundam, com a voz, as creancinhas que corriam pelo espaço levadas pelo vento, como ellas pelo jardim, levadas pela travessura infantil, continuando corriam, logo depois disso atraz das borboletas que, com a visinhança da noite, voavam para alem, em procura de repouso.

De repente pararam, e passando as mãs sinhas pela cintura uma da outra, cam havam falando uma linguagem doce, como o murmuro dos passaros, soltando, ao mesmo tempo, os jasmims, as bogarias e malmequeres que desabrochavam com a frescura da tarde, despetalando-os entre os dedos.

Ambas pequenas e lindas; porem ambas não eram felizes; uma era orphã!...

Caminhavam e falavam sempre.

Chegando, porem, junto a uma roseira onde havia duas rosas, pararam e disseram:

—São como nós: bellas e puras!...

Então, uma das creancas colhendo-as, entregou uma a sua companheira, dizendo:

—Hoje é vespera do Natal e nada tenho, alem dos beijos, a offerrecer a minha mãe; esta rosa será para ella, o meu presente de festas.

Assim dizendo, depoz um beijo em uma das faces da outra creanca e partiu correndo para a casa visinha.

Ficando só, e vendo a companheira que sumia-se, Maria murmurou:

—Tu es feliz porque tens mãe a quem

offerceste a rosa como festas; e eu, que sou orphã, eu que perdi minha mãe, quando ainda brincava com as rendas do meu berço, — a quem offerceci-a-hei?

E duas lagrimas que tremulamente assomaram em seus olhos, deslisaram pelas faces cahindo nas petalas da flor.

Logo depois, porem, acrecentou:

—Se não tenho mãe, tenho um noivo a quem hei de dal-a...

E entrando em casa, dirigiu-se ao santuario, onde, ajelhando-se, depositou a rosa no berço do Menino-Jesus, murmurando:

—Recebe, meu noivo, esta flor; essas duas gotas que nella brillam, não são do orvalho do céu, mas são duas lagrimas de creanca, duas lagrimas que escaparam de meus olhos á lembrança de minha mãe; ellas são puras como as minhas faces, puras como minh'alma, como este hercinho em que estás deitado; recebe-a como lembrança da vespera do dia em que nasceste e como recordação do dia em que principiei a sentir a separação d'aquella que me deu o ser, do dia em que dos meus olhos cahiram as primeiras lagrimas arrancadas pelas saudades de minha mãe!...

E extatica, com os labios em movimento, murmurou uma prece, semelhante aquellas que os passarinhos murmuravam no arvoredo, ao Creador do mundo!...

L. Carvalho.

NO DIA

*A. P.****

Oh! Meu Deus! Meu Deus! quanto eras formosa

Co' a face virge em candidez de rosa,
Tão candida a sorrir!...

Estavas bella como a flor da tarde
Que surge linda quando o sol não arde
Ou quando vai sumir...

Tu trajas niveo me encantava, oh bella,
Dava-te a alvura virginal da estrella
Que surge no arrebol.

Eras do baile a sua princeza airosa,
Eras da festa a luz esplendorosa,
Do meu amor o sol.

Teus olhos negros fulgurantes, bellos,
Rutillos ternos, virginaes, singellos
Lancavam no dançar...

Tua imagem esbelta era o astro airoso
Tua face bella era um jasmim formoso
Sorrindo-se ao brotar.

Quando corrias no ondular da valsa
Teu hirao churneo sem belleza falsa
Em meu peito roçou.

Senti meu peito sobre o gelo arfando
E minh'alma o teu rosto contemplando
Em amor se abrasou.

Pedi-te uma valsa! Nada! ligeira
Danzaste esbelta, divinal, faceira
Com outro sem te amar.

E deixaste o pobre que te ama ardente
Cahir no gelo que o abrasou tremente,
Deixaste-o chorar!...

Tu não sabes creanca louca! A morte
Tambem germina da molestia forte

Que de amor se chamou?
Pois ella rola o despresado, immensa
No abyssmo horrivel que a correr immensa
A dôr nos airou.

Oh! Meu Deus! Meu Deus! quanto eras formosa

Co' a face virge em candidez de rosa,
Sorrindo com desdem.

Tu brillas puro rutilava tanto
Que eu cego, cego de tão forte encanto,
Eu... quiz sorrir tambem...

Viriato Correa

O PRIMEIRO AMOR

Do Viriato Correa.

Creando Adão depois criando Eva
O Senhor n'um desejo providente,
Quiz unil-os então estreitamente,
—O mesmo claro dia á mesma treva.

E Deus pensou: Unir eternamente
Dois humanos por laço inquebrantavel!...
Sofrir sem fim um senho perduravel,
—Um peitao outro unir estreitamente!...

E tornou a pensar. Depois fulgindo
Seus olhares divinos, foi unindo

(Adão enearou Eva firmemente
E bocca contra bocca, estreitamente,
Derão-se o beijo do primeiro amor...)

Das «Primicias».

Lisboa Filho.

O primeiro beijo

A. R. L.

Foi em uma bella tarde de Novembro
quando Apollo, dardejando sobre a Terra
os seus ultimos raios, tende a desapparecer no Occaso, que o joven Lucio chegou do-se á encantadora Alice, começava fallar-lhe do seu amor, dizendo ser chingrada, por não corresponder os affecçoes que elle lhe dedicava.

A menina fazia sentir ao joven ser firme a sua amizade.

Lucio continuava a asseverar o contrario, e Alice, approximando-se d'elle depositou-lhe na face um estrepitoso beijo.

Elle, sentindo o contacto dos labios delicados da menina, ficou inebriado, e ainda perturbado com a sensação que ti vera, e em um fervoroso amplexo, del xou-lhe sobre o rosto a impressão de um doce psulo.

Languteres.

Incredulo...

Ao Zuza

Se me enganas, mulher, p'ra que não dizes?

P'ra que me deixas morrer?
Oh! não me tires d'este abysmo infundo,
Que nós chamamos viver.

P'ra amar-te, quero vida, quero tudo...
Como não amas a mim?
Quizera dos teus labios um sorriso
E tambem d'elles um *sainho*.

Se te amo? que pergunta? já não sabes?
Já não t'o disse, a ti só?
Já sorri para ti, ó! muitas vezes...
Eu só t'inspiro dó?
Quizera dos teus labios um sorriso,
Que só me desse prazer,
E tambem dos teus olhos, uns olhares
Que me deixassem viver...

J. Lisboa

MESMO MORTO

A' I

O amor, Senhora, vêde:
Prendeu-me.

Olavio Bilac.

Nas espessas florestas brasileiras
Onde os rios do sol não crestem forte,
E as vagas se ouzão ás arvores
E as sussurrando mui ligeiras.

Existem arvores collossaes, gigantes,
Que o machado do forte ceifador
Quebra, derriba; e ellas com vigor
Crescem de novo e tornam-se possantes.

Se tu me quebras pelo orgulho a vida,
Minh'alma te adorando, a te prendida,
Inda morrendo te dára seu preito!

E se me rolas pela tumba, oh flor!
Verás o amor, o amor e sempre o amor
Brotar em cada verme de meu peito.

Viriato Corrêa

O mendigo

A' J. B. V. Guterres.

Noite invernosa.

A chuva cae, e pouco a pouco a cer-
ração torna-se espessa.

Sentado em uma calçada, exposto ao
frio e á fome, soffendo, enfim as aspe-
recas da vida, está um velho mendigo.

Apenas alguns andrajos restos, sem
dúvida, de algum favorecido da fortuna,
cobrem-lhe o corpo.

A cada transeunte estende as mãos im-
plorando a caridade, e nem ao menos en-

contra quem lhe dê um pouco de pão
para mitigar a fome, ou um casebro onde
se possa resguardar da chuva!

Ribomba o trovão, fuzila o raio, a
tempestade desencadea-se, e o pobre ve-
lho permanece no mesmo sitio; e chora;
porem, sem proveito, pois não tem quem
lhe venha enxugar as lagrimas.

Amanheceu, enfim.
Serenou a tempestade, e quem passas-
se por aquelle malfadado logar, veria, sob-
re a fria pedra o corpo inerte e sem vida
do infeliz mendigo.

Fora victima do desprezo, e da miséria
humana.

Languterres.

A...

Eu quando outr'ora soletrava as dores
Que dentro d'alma me punham cruas,
Lembrava faces qu'erão as faces tuas,
Sonhava amores qu'erão os teus amores...

Em tudo quanto n'este mundo via,
No mar, nos sonhos, no vergel, nas flôres
Que tremem n'haste desprendendo odôres
Bafejas d'anjo sobre mim sentia...

Oh! Deus que podes n'este mundo tudo
Porque fizeste n'esse instante mudo
A mim?! Não disse o que sentia então!..

Não posso derramar-te aos pés o ouro,
Mas te dou-te p'ra sempre o coração...

Lisboa Filho.

TEUS OLHOS

A...

Teus olhos são lindos
São bellas estrelas
Dezida e mui bella
Dos pés do Senhor.

Lisboa Filho.

Teus olhos são bellos
São meigos, gentis
São dois passarinhos
Alegres, sublis.

São luzes ardentes
Brilhantes pharôes
São meigas estrellas
Gentis arreboes.

São chammas ardentes
Que queimam de amor
São telas sublimes
Da mais bella cor.

São duas ereanças
Alegres, sublis.
Teus olhos são bellos
São meigos, gentis.

C. Souza Junior.

A Primeira Vez

Ao Nestor Veras

Formoso o sol se esconde e brisa que perpe-
ta sobre o vasto mar françando a su' vertice
Pergunta ao Sol por onde o passaro esvoaça
Ao Sol, na erra toda-i n'pavida a surdicia

La, la na região do encanto inexprimível,
—O azul franjado d'ouro em fecho abobalado,
O passarinho canta um sonho indescritivo
Um sonho que de amor já tinha gorgoleio

A tarde vai morrendo. Um vulto branco ao longe
Bem como a um moribundo o pobre e sacro monar
Com um sorriso a mim trazer-me a vida venar

Era meiga e gentil A encarnac'o sublime
Que traz ao seclerado o remem'or do crime
Meu peito arremessado n'esse amor tambem

12-38

Lisboa Filho

Descrição

A' R...

O anjo que eu amo, é tão lindo e formoso,
Tão bello, amoroso, que meigo que e...
Tem olhos bellantes, dois olhos ardentes
Dois fogos frementes que matam-me ate...

Tem corpo elegante, cintura delgada,
Tem face rezada, da cor do carmin
Tem pés pequeninos, formos os ligeiros,
Tão lindos, faceiros, quacs lerna jasmim

Eu muito quizera, dizer-lhe baixinho,
Mui bem de mausinho, palavras de amor,
Mas sobre n'isto, palpita ancioso

J. Lisboa

Recebemos

O Commercio do Amazonas—Amazonas
O Trabalho—Penedo—Alagoas.
A Imprensa—Parahyba.
A Patria—S. Filx de Paraguassá—Bahia
Patria—Pouso Alegre—Minas.
Clôb Coritibano—Coritiba—Paraná.
O Piaga—S. Luiz—Maranhão.
Vera Cruz—Rio de Janeiro.
A Parnahyba—Parnahyba—Piahy.
O Municipio—Picos—Maranhão.
Verdade e Luz—S. Paulo.
Mensagem—Natal—Rio G. do Norte.
A Galhoia—Bicos—Minas.
O Timhyra—Caxias—Maranhão.
A Coisa—S. Salvador—Bahia.
O Norte—B do Gorda—Maranhão.
Cidade de Caxias—Caxias—Maranhão.
Gazeta de Uberabiaba—Uberaba—M.
O Philomatico—S. Luiz—Maranhão.
Vinte de Julho—Pilar—Alagoas.
A Semana—Assú—R. G. do Norte.
Leituras Religiosas—Bahia.

Recebemos ainda um folheto d'A. G. da
Popular Republicana, liga que puzes pe-
la verdadeira liberdade e engrandeci-
mento de nossa patria. Agradecemos, e
envidaremos todos os esforços para a re-
alização do santo ideal.

O Galho de alecrim

A. J. ...

Do alecrim bello que o teu seio ornava
Um galho eu tenho d'esmeralda cor:
Tu não m'o deste;—foi roubado, sim...
Mas me perdôa oh! adorada flor.

—Primeira prenda que de ti possuo,
—Recordação do meu sagrado amor...
Já vae murchando... vae tambem morrendo
Já dos teus beijos o febril calor.

Mas não importa... o guardarei commigo
Sorvelido sempre o seu virgineo odor:
—Será p'ra mim uma lembrança tua
Esse alecrim d'esmeraldina cor.

L. Carvalho.

Daniel Alves do Rego

A morte, essa ceifadora e tremenda alavanca da natura, que revolve todos os cantos do universo poizou no dia 9 do corrente sobre o distincto cavalheiro, cujo nome seina estampamos.

Muitas vezes esse sopro horrivel do Creator deixa de sussurrar pelos entes detestados para pairar n'aquelles que têm a honra e o trabalho por emblema.

Daniel doctado de um caracter excelso, criterio immenso e palavra inabalavel recebia de todos a estima e a consideração. Foi deputado estadual, no qual cargo mostrou a intelligencia que nutillava em seu cerebro. A honra e a honestidade por guia foi o resumo de sua vida. Morreu moço ainda. Quarenta e cinco annos, passou entre os carinhos da familia, agora, Deus, chamando-o para si, mandou-o viver eternamente n'um dos logares por elle reservado aos justos e aos que cumprem dignamente o seu lugar entre os homens.

O justo deixa a terra e vae viver no céo, o homem deixa a materia, e vae em espirito aos pés de Deus cantar hymnos de obediencia e pedir bençãos á sua familia!

Daniel deixa viuva e filhos.

Entre estes achava-se o nosso distincto amigo e collega Leopoldino do Rego Lisboa, a quem e aos demais parentes apresentamos, as sinceras condolencias, filhas dos nobres carinhos de jovens.

Echos de redacção

Tive lugar a 31 de Dezembro p. p. o concerto musical dirigido pela intelligente senhora D. Anna Honorina Ferreira Parga e executado pelas suas não menos intelligentes discipulas, e alguns parentes da mesma senhora. Partes de operas, composições dos mestros aureolados pelo genio, foram executados integralmente,

tanto pelas senhoritas como pelos rapazes.

As meninas demonstrarão o seu entusiasmo pela musica, já pelas notas arrancadas do piano, plangentes como o gemido da aleyone, já pelas notas vibrantes, como uma gargalhada e já pelas arrancadas como o gemido doloroso do agonizante.

Tocada que foi a *Lucia de Lamemoor* pelo nosso collega Gigy Parga, acompanhado á piano pela sua irmã, fomos cunprimental-o.

Nosso collega, moço, ainda não tem o talento de Paganini, o heroe no violino, mas já mostra o seu talento e verdadeira veneração pela musica.

Agradecidos, temos a honra de cunprimentar a distincta professora pela sua intelligencia e pelo aproveitamento das suas interessantes alumnas.

Sons d'alma

A.

Ouves ao longe a tempestade irada?
Não vês no céo o encruzilhar do raio?
Tremes creança como a flor de Maio
Que o vento impelle com feroz rajada.

Não temas, anjo de olhar celeste,
Arfa-te tanto o seio de alabastro.
Eis já surge no céo mimoso astro
Já ri contente e alegre a flor agreste.

Sorri-te como a imagem da verdade;
Escuta a briza sussurrando calma:

Escuta este singello e pobre canto
Escuta aujo celeste que amo tanto
Ossons que vibram dentro de minh'alma.

C. Souza Junior

O ODIO

A. Almerio Godinho

«De lá das plagas divinas proscripto,
Na fronte tendo infame sambenito

—Condenado fatal,
Vou m'envolver nas dobras do sudario
E violar o corpo mortuario
—Necrophilo brutal!

«Deixo no corpo a lama da impureza,
Gonspurcando a limida belleza

Do mundo tu vae-vem,
E o rir d'escarneo que m'affora aos labios,
Secco, parece inda sentir resabios
Da taba qu'elles tem.

«Lado a lado do amor, na mesma estrada,
Eu atrairo sem fé, a flor alada.

—Infame cascavel,
E a atiro do seio, florescente

A' ernei vida, á vida de impudente
No charco do bordel.

«Sou aborto infernal da natureza,
Sou filho de Satan e da impureza
—Insegura universal!...
Não deixo em paz viver a humanidade,
E me lanço, sem fé, na iniquidade
Que torna-me fatal...

(Continúa).

Lúcia Filho.

RABISCOS

Secção alegre

Muito boas festas, boas salúdas do anno velho e entradas do novo é o que de coração vos deseja carissimas leitoras, este vosso servo Cabrion.

Agora tratemos de outro assumpto.
No numero passado, nesta secção, descrevi os typos dos meus collegas do redacção, quereis saber o resultado d'isso? Eu vos conto

Quando entrei em casa do Chico, achavam-se lá todos os meus collegas, e assim que me viram levantaram-se e a mim se dirigiram. O primeiro que fallou foi o Chico. «Olhe, seu Cabrion, disse elle, não admito que você ande mettendo a minha pessoa a ridículo, quando quizer tratar do meu nome, falle sério.

La replicar quando o Quinceas chorando de commoção me abraçou e soluçando me disse:

Querido Cabrion obrigado... obrigado, tu é que me entendes, tu amigo querido (e as lagrimas caíam-lhe pelas faces como chuva pelas gotteiras) é que sabes quanto dóe uma saudade, obrigado, obrigado.

—Mas não me apertes tanto, gritei eu, pensando que elle me arrebatava as costellas.

Felizmente largou-me e foi soluçar para um canto.

Os outros nada me disseram. Comecei a conversar, quando o Gutierrez me entretoupeu dizendo:

—Sabes Cabrion que fui convidado para cantar hoje um sólo de baixo profundo e peço-te que vás me ouvir. Cantarei o sólo do Mephistofeles.

Depois cantarei um duetto com o Minhoça, de baixo profundo e prima-dona. Achei graça n'aquillo, porque, n'isto entram muitas senhoras e o Minhoça vae recobelas.

—Tem a bondade, diz uma d'ellas, de dizer com quem tenho a honra de fallar.

Elle muito prazenteiro, responde:

—Minhoça minha senhora.
Não pude conter-me e largei uma estrepitosa gargalhada, e para rir-me á vontade peguei no chapéo e saí.

Cabrion.

Maranhão—Typ. de Antonio Pereira Ramos d'Ameida & C. Succs.

O IDEAL

ORGÃO LITTERARIO E ESTUDANTAL

ANNO II

Obreiros do progresso em vos saúdo,
Filhos de minha patria, eu vos bendigo,
Coragem luctadores!
A. Pereira.

NUMERO 2

EXPEDIENTE

«O Ideal» sahirá uma vez por mez, em dias indeterminados.

Redacção e administração
Rua Formosa n. 18.

O IDEAL

24 de Fevereiro

Uma das conquistas mais preciosas da civilização sobre a barbaria foi, não ha duvidal-o, o regimen constitucional que é hoje o apanagio do governo de todos os povos livres.

C m elle ruíram por terra as autocracias absolutas, as tyrantias de todos os matizes, as dictaduras omnipotentes, para em seu lugar deixarem brotar, á sombra e em nome do direito a vontade popular que é a origem mesma do poder e que, synthetizando-se em um só homem, gera a soberania das nações e impõe-lhe os limites que a razão, a justiça e a liberdade individual exigem, para sua propria garantia.

Não deixa, pois, de ter uma alta significação nos fastos da nossa historia patria o dia de hoje, assim como não é sem motivo que o celebram os corações patriotas. E' elle, com effeito, o attestado mais solenne do nosso elevado grau de civilização e de quanto conquistaram, no estabelecimento das nossas instituições, as ideias liberaes e o sentimento das nossas prerrogativas de cidadãos livres.

A Constituição que n'este dia se promulgou em 1892 pode ter senões e os tem, effectivamente, em grande numero; não deixa, porem, por isso, de ser uma grande obra, pois é o conteúdo de tudo o que somos e podemos como cidadãos brasileiros; é, ainda mais, a concretização de todas as regalias da nação e por isso o codigo dos direitos que a fazem respeitar dentro e fora do paiz.

Assim, não seria justo deixar no olvido esse grande dia nacional. Importaria isto

em desdouro ao nosso patriotismo e á nossa comprehensão do que seja a liberdade.

Eis porque nós, jovens amantes do progresso e de todos os grandes sentimentos saudamos d'aqui todos aquelles que colaboraram em tão precioso codigo e damos-lhes o parabem por nos terem legado tão bello padrao da nossa civilização.

Salve, 24 de Fevereiro!

As primeiras lagrimas de Dolores.

Longe.. lá atravez das florestas verdes dejanos de minha terra, lá onde a cascata murmura mansamente, onde tudo é bello, alveja uma casinha á aba de uma serra.

Alli, onde o sólo semelha um céu esverdeado, e as cerejas são as nozes que brilham atravez das naves de verdura e cuja via lactea é o regato que harmoniosamente desliza por entre alvas pedrinhas, onde em tudo contempla-se a poesia, nasceu Dolores... lá na aba da serra.

E foi no meio da mudez sublime do campo, tendo por unica harmonia o soluçar apaixonado da jurity, o murmurar da brisa e do regato, o mugir das vacas e o balar saudoso das ovelhas que ella, aprendendo amar a Deus, cresceu sorrindo sempre á poesia divina de sua innocencia.

Bella e pura corria pela campina em flor, na hora em que o sol desaparece por traz das montanhas, em que o dia e a noite parece que se confundem em uma só nota, em um só quadro, na mudez sublime do campo.

A's vezes sentava-se em uma pedra á encosta da montanha e alli, engolfando seu olhar na atmosphera azulada, como querendo sondar os segredos da natureza, ficava pensativa, extatica, divina!

E era somente quando a Trindade soava lá no campanario que ella, erguendo uma prece bendita aos céos, voltava á casa onde, encostando a sua cabecinha loura ao seio materno, adormecia embalada pelos sonhos de creança e sorrindo sempre á poesia divina de sua innocencia!...

Mas essa creança que desconhecia o pranto tiuha de curvar-se á lei imperiosa

do destino;—havia de chorar como todas as creaturas!

Porem as suas primeiras lagrimas foram puras, porque foram lagrimas de noiva...

Sim. Foi no dia em que ella, aureolada pelas flores naturaes de laranjeira, dirigia-se á igreja do campo, no dia do seu casamento, que rolaram dos seus olhos as primeiras lagrimas!... Lagrimas timidias, puras, divinas—essencia de um coração de moça que abria-se ás primeiras illusões, perfume de uma alma de virgem, que nascia para o amor!... E ellas crystallinas e santas resvalaram pelas suas faces afogueadas de pudor, embebendo-se na cova sagrada dos seus seios!...

E Dolores, lançando um olhar para tudo que a cercava, parecia recordar-se dos seus sonhos de creança... E fitando o céu, e as nuvens alvas como o seu vestido corriam por cima do sua cabeça osculando os picos dos montes e o regato deslisavam a seus pés, beijando as petalas das flores, murmurou um adeus em que partia um pedaço de sua alma, um adeus sublime! E dos seus olhos rolavam puras e divinamente as primeiras lagrimas que crystallinas e santas resvalavam pelas suas faces afogueadas de pudor, embebendo-se na cova sagrada dos seus seios!...

L. Carvalho.

O ODIO

A' Almerio Godinho

(Continuação)

«O amor é meu escravo. Mas vilmento
Eu trago acorrentado fortemente
O sonho da mulher...

Inferno—é o fogo que corre minha alma,
Amor—é o sonho que me traz a calma,
—O puro rosicler...

«Descrença pura quem me traz calento,
—Rochedo enorme que febril sustenta
Nas pregas do lençol—
Sente o calor da luz que a peito abraza,
Vê de Satan fremente, a impura aza,
Qu'escconde a luz do Sol.

O IDEAL

Assim, si vivo d'um amor a creança,
Se afundo a visgem na desgraça immensa
Do infante lupanar,
Sinto meu peito s'espojar contente
Nas cinzas d'esse amor, na cinza quente
Que vem-me alimentar...

Nada detem-me. Pela estrada larga
Eu levo a dôr, recordação amarga
De tudo que já dei...
Se páro e tremo... s'estremeço e páro
Eu ouço um grito qu'estridente e claro
Vem-me bradar:—Away!

E eu sigo sempre pela estrada aberta
Em procura da presa, a presa certa
Ainda em embayão...
A presa vem dormir n'ua em meu braço,
Mas eu vou-lhe, deixando fundo traço,
Dormir... no coração.

Odio! Odio infernal! porque não morres?
Porque na vida acompanhando corres
O seio do mortal?...
Por onde passas o vestigio deixas,
—Blasphemias mil, imprecações e queixas
Em negro lodaçal...

Lisbôa Filho.

Desejo

A***

Eu tenho dentro em mim, no fundo de minha alma
Um desejo d'amor, cruel, mas innocente,
E a formosa menina, a noite, quando, cega
A luz ethereal diliza mansamente.

Vendo-te tão gentil, alegre e sorridente
Voltando para mim olhares de ternura,
Tão cécios d'essa graça alva que na mente
A ti, faz-me elevar castellos de ventura.

Quão vergar-me todo ante o teu corpo santo
Para sentir nas mãos esse calor do pranto
Alando desse olhar tão negro de matar.

E após morrer, sentindo o coração banhado
Deesse orvalho de flor dos olhos rozejado
Do meu querido amor... depois resuscitar...

Lisbôa Filho

Recordação

AO N. VERAS

Era uma d'essas lindas tardes de julho.
O sol declinava no horisonte, sumindo-se
através das grandes florestas, que ha-
via pouco, estavam illuminadas pelos seus
raios brilhantes...

A tarde morria...
A luz, leve e suave do sol no occaso
deslizando pelo azul celesto, desaparecia
derramando reflexos avermelhados.

As flores alvas e delicadas desabro-
chavam á aproximação da noite lim-
pada como o orvalho que iam receber...

Os animaes cansados do labor diurno,
procuravam o pouso costumado...

A jurity despedia-se do dia, gorgeliam-
do doces arrulhos com a companheira.

A brisa fazia murmurar as frangas das
arvores, que gemiam como que rezando
a p'ose da tarde.

O sol sumia-se pouco a pouco na fran-
ja do horisonte...

Era *Ace-Maria*...
Esses passaros que gorgelavam nos ra-
mos das arvores, os animaes que perpas-
savam na matta ha pouco tempo, tinham
desapparecido.

A noite descia lentamente, e elles es-
tavam abrigados, ou nas frangas dos ar-
vores, ou junto d'elles, á sua som-
bra...

J. Vaz.

DEUS

A aurora que surge formosa e bella,
A luz do dia, o magestoso sol,
Do mar o branco e limpido lençol,
A flôr do campo tão gentil, singella;

A côr vermelha bella do arrebol,
A neve branca, o frio, que enregelha,
O calor que é do pobre a stirpe o prol,
O brilhar purpurino da estrella;

A tristeza, essa magoa dôr suprema,
A vida, esse cruel forte dilemma;
O poema bello que se chama amor;

Tudo isso me faz acreditar,
Que ha um Deus eterno, um ente Creator!
Que ha um Deus eterno, um ente Creator!

G. Souza Junior.

Amor eterno

A. R***

Dinah era uma jovem de 15 annos, de
cabellos castanhos, olhos negros, rosto
oval e pallido, emfim tudo n'ella, era en-
cantos. Era o idolo dos seus paes. Uma
vez passeando ella, no jardim de sua ca-
sa, viu ao longe uma pessoa que a olhava
o miudo. Julgou ver n'aquella pessoa o
ente a quem amava.

Não se enganava. D'alhi ha momentos
aproximou-se da grade do jardim, um
rapaz de dezesseis a dezessete annos, que
fez-lhe um signal com a mão.

—Alberto! exclamou Dinah correndo
para onde estava n'um obegado, Alber-
to, para que te demoraste tanto?

—Não pude vir mais cedo: estava oc-
cupado com os meus estudos, mas espero
que desculpar-me-has...

—Sempre os estudos! disse a gentil
menina com uma graça infantil, porque
não abandonas tu, estes teus estudos, e
não vens para perto de mim, que te amo?

—Abandonar os meus estudos? que to-
lice é essa Dinah?

—Ja não me amas!... balbuciou Di-
nah. E não poudo continuar, os soluços
embargaram-lhe a voz...

Estas duas creanças só tinham um uni-
co defeito, amavam-se demasiado.

—Porque choras meu amor? disse en-
tão Alberto eja voz tremia...

Passados alguns minutos, Dinah, ainda
hesitante, levanta a cabeça e pergunta a
seu amante com voz clara porem titu-
beante:

—Quando vais para a Academia?

—Quando?...
—Sim, quando me abandonas?

—Abandonar-te eu? que dizes Dinah?

—Sim, repetiu ella, quando vais para
a Academia?

—Eu, respondeu Alberto que tornava-
se branco como o alabastro, em bargo de-
pois d'amanhã mas voltarei...

—Sim, voltarás! E's um ingrato...

.....
.....

E' passado um anno. Os paes de Al-
berto esperam ansiosos a chegada de seu
filho que virá passar com elles as feras.

Prepara-se um baile para ser offerecido
ao quasi doutor.

Dinah foi convidada para essa festa.
Vestiu-se com esmero e para lá diri-
giu-se.

A primeira pessoa que viu ao entrar,
foi Alberto que immediatamente foi-lhe
fazer os cumprimentos.

—Como estás linda, Dinah!... foram
as suas primeiras palavras.

O baile correu ás mil maravilhas. Al-
berto (como é natural) dançou a maior
parte das vezes com Dinah e n'uma das
contradanças pediu-lhe que lhe desse

uma flôr das que lhe ornavam o seio. Di-
nah custou a acceder ao pedido; mas afinal
consentiu, com a condição de li'a dar,
mesmo secca, no anno seguinte. Alberto
prometteu.

.....
.....

Eram felizes... amavam-se...

J. Lisbôa

TU

(Imitação)

A' *****

Tu és donzella a encantadora rosa
Bella e formosa do jardim em flor.
Tu és o anjo que do céo desceste,
E que accendeste no meu peito amor.

Tu és o meigo colibri modesto
Que agil e lesto vae a flôr beijar,
E's a estrella que scintilla pura
Que com caldura vem me allumiar.

Tu és o guia jovem caridoso
Sempre formoso de gentil andar,
Eu sou a corda da partida lyra
Que já suspira por um teu olhar.

G. Souza Junior.

O IDEAL

Tempestade...

Do C. B. de Souza Junior

Uma d'essas noites de fevereiro de ne-
a cerradas, d'um céu de nuvens negras,
no se fossem mentes de carvão; sem
faco, por onde brillasse nma só es-
lla...

Estava tudo calmo:—não havia vento;
ao ouvia-se se quer agitar um ramo d'ar-
vore, nem o canto d'um passaro.....
Nada.....

De quando em vez, sentia-se o ramor
das folhas, a cahirem no chão.

.....
Era tarde!... E muito tarde!...

.....
Ris que surge rugidor, o vento!...
O trovão ribomba no céu; As faiscas
trizas caem umas após outras.

Uma chuva grossa derraba e o furacão
irou por terra grande numero d'arvores.
pra esse temporal por muito tempo!

.....
A chuva abranda....

.....
O Sol levanta-se no horizonte acompa-
nhado de seu sequito brilhante, os raios;
cae obliquamente no cimo das arvores, a-
inda ha pouco vergadas ao sopro do ven-
daval e pela chuva...

O Sol erguia-se, e erguia-se sempre!...
Era dia!...

I. Voz.

Estou livre. Adeus.

A. L. . .

Não me esmagam, mulher, os teus sorrisos,
Eu tenho seas orgulho do que pensas.
E rio-me também.

A. Correção.

Pensaste, tola! em teu orgulho forte
Que teu desprezo me daria a morte.
Que tolo o teu pensar!

Estou livre! Minh'alma presa outr'ora
Canta, folga, sorri brincando agora
E' justo o seu folgar!

Estou livre! Teu rosto que eu amava
Que trazia na mente, que adorava,
Expulsei com desdem;
Agora canto um hymno á liberdade!
Em minh'alma não geme uma saudade
Nem tristeza também.

Amei-te! meu amor era loucura;
Sonhei viver em divinal ventura
Nessa minha paixão...
Supuz que fosses terna, meiga e mansa
Como as vagas ao sopro da bonança
—No entanto eras fúlio.

Amei-te! eras tu minha alvorada
Meu poema que a linda passara
Chilrava com dulcor.

Repelliste o suspiro de minh'alma,
Só deste-me afflicção em vez de calma,
Despreso em vez de amor.

Deixaste meu amor para abraçares
Os amores de outros, que nos ares
Adejam aqui e ali:
Nunca terás uma paixão tão forte,
Desejo-te somente por tua sorte
Tanto quanto eu soffri.

Adeus, Adeus! prosegue o teu caminho
Talvez encontres mais agudo espinho
Que te faça chorar
Então candeado da infernal fadiga
Não achando ninguém que te bendiga
Me virás procurar.

Viriato Corrêa.

Harém

Do Liô.

Sultão é o colibri, as flores são mulheres
Que vivem no jardim, harém encantador,
A rosa é a sultana... em roda malmequeres
Os guardas d'ella são, mandadas pelo
Amor.

O leito da sultana—os beijos d'alvorada,
Onectar qu'ella sorve—as lagrimas do céu;
Por tecto tem o harém—a região nevada
Apenas encobrendo as gazes d'outro véo.

E quando o sultão vem beijar a sua amada
Ainda não romper da branda madrugada,
Nas folhas—a cortina—espaço entrea-
brindo,

Verás como n'um sonho, o calice do-
brando,
Pedindo um beijo só, um beijo a todo o
bando
As flores divinas aromas esparzindo...

Lisôa Filho.

Duas rosas

A. O. . .

Vês aquella rosa, alli no canteiro, pen-
dente do galho orvalhado d'aquella ro-
seira coberta de folhas verdes e avellu-
dadas?

Pois bem, hontem havia alli unica-
mente um botão... um botão envolvido
em petalas rosceas, que alia o calice per-
fumado aos colibrys dourados e as bor-
boletas azues.

Ninguém quiz colhel-o porque era o
primeiro que alli desabrochava, porque
ninguém queria vel-o murcha e em pou-
cos momentos alitrado á mercê da brisa
que com elle brincava a cada hora, fur-
tando-lhe um beijo a cada instante.

Hoje, porem, ao amanhecer, o botão

foi despregando delicadamente as petala-
s; e a uma gotta de orvalho que rólou
do céu n'um raio de luz que vinha do sol
nascente, tornou-se n'aquella rosa que
alli vês perfumando o ambiente do jar-
dim...

Duvidas?

Não crês, então, que uma gotta de or-
valho e um raio de luz bastaram para que
o botão de hontem desabrochasse na rosa
de hoje?

Pois ouve: eu não amava; a rosa do
amor nunca tinha desabrochado em meu
coração... Mas a um sorriso que desatón-
se de uns labios n'um raio de luz que
veio de uns olhos, bastou para que ella
desabrochasse mais ligeira do que aquelle
botão...

E esse riso, meu anjo, veio dos teus
labios purpurinos, e esse raio de luz di-
vina veio dos teus olhos negros...

E eu fiquei te amando como a rosa fi-
cou amando o sol e o orvalho...

L. Carvalho.

No baile

A. C. . .

Nunca o ballo estivera tão animado, en-
plendido e brilhante!

Os vastos salões, ornados de flôres, e
deslumbrantemente illuminados, a custo
podiam conter a multidão de senhoras
em trajados de joventa, e alizando quasi
sylvphides envoltas em setim e flores, de
destinatos cavalheiros e de elegantes man-
cebos que corriam sorrindo, em busca
d'um olhar!

A orchestra, incessantemente, fazia ou-
vir quadrilhas, walsas e polkas, que se
repetiam rapidamente—quasi sem inter-
rupção...

Era um ruido de passos, um sussurro
de vozes, um scintillar de luzes e de bri-
lhantes, que encantavam...

E no meio de todos, tu sobresahias...
tu! a quem amo sem esperanza, tu! que
me desprezas!...

Eras uma das flores d'esse jardim, d'es-
se jardim pittoresco, semeado de flores
de todas as matizes. Muitos mancebos ro-
delavam-te, e reudiavam preito á tua belle-
za... e eu então fazia-te os mais libongi-
ros cumprimentos, e tu, cruel, pergun-
taste-me com a ironia nos labios e a co-
lera nos olhos:—quererá também dan-
çar commigo?

E eu respondi ingenuamente:—quero.
—Quer? Pois tenho immensa alegria
de dizer-lhe que tenho par para todas...

—Eu sei, disse, procura um pretexto
para repellir-me... não quer!

—Pois seja: não quero!
Nada mais disse: mordi os labios e re-
tirei-me pensando na volubidade tua,
que um dia antes juravas-me amor...

E. Fernandes

O IDEAL

A filha da lagrima

A' C. B. de Souza Junior

Foi uma lagrima...uma lagrima que fez brotar a roseira no canteiro do jardim de Julieta.

Uma tarde, Hermilio foi á casa d'ella. Ella morava ao longo da estrada, á beira o caminho, cercada pelas florinhas branca e roséas.

Pensava. Sua face cahia langue sobre os bombros; seu vestido branco estremezia aos beijos invisiveis da brisa...

E seu olhar era ardente; seu seio arfava...

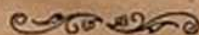
Hermilio appareceu.. ella sorrio-se.

Ella amava-a, mas era cruel! Foi elle quem fez cahir a primeira lagrima de seus olhos que rolou no solo verdejante e fez nascer a planta que erguia-se entre elles...

Uma rosa, vermelha como as faces de Julieta, abria-se no cimo da roseira...

Hermilio ajoelhou-se; sua cabeça ergueu-se acima do arbusto, e seus labios tocaram a Filha da lagrima. Delicadamente colheu-a, e foi prendel-a, estremeecendo, no seio branco de Julieta que transparecia atravez da gaze da cambraia...

Lisbóa Filho



Perdão

A' R. A.

Perdão! perdão p'ra mim que violento Julguei que amavas outro! E que tormento Senti no peito então! ?...

Mas sabendo d'amor qu'em mim pensavas D'alegria tremi. Não me matavas —Como pensei. Perdão!

Eu fui cruel demais. Duvidei d'ella! Hoje peço perdão...Perdão donzella Se de ti duvidei.

Mas eré-metu, mulher! culpa não t'nhal.. Foi dos ciúmes, sim! mas não foi minha... Humano errar! errei!

Mas eu sonhei, sonhei que tu dançavas Com um este feliz a quem amavas, Que para ti sorria.

Pensei então qu'eu era despresado, Qu'esse anjo! meu Senhor que eu tenho nado

De mim, o' Deus! fugia!...

Mas agora donzella, eu a ti peço Um olhar terno, teu, que não mereço, Sou mesquinho de mais!

Mas agora meu Deus! juro-te amante, Não duvidar de ti um só instante De ti bella! Jemais!

J. Lisbóa

TRISTEZA

Ao Lisbóa Filho.

Era noite. O céu nublado mostrava que a tempestade não tardaria a desencadeiar-se. O vento rugia lá fóra estridente e raivoso.

Elle, o poeta infeliz, o joven acabrunhado, jazia sobre a meza de trabalho, a cabeça apolada sobre a mão, e grossas lagrimas cahiam-lhe pelas faces.

No meio d'essa tristeza, o *sonhador* não se inspirava na musa da poesia; não se recordava da sua gloria na arte de Homero; a tudo era indifferente, excepto ao seu amor.

Esse amor era a causa d'essa tristeza. O poeta soluçando dizia:

De que me serve, musa, as inspirações divinas que ante meus olhos me apresentam?

De que servem essas vaidades que tu, oh! mundo cruel me offeroces? Nada p'ra mim tem brilho. Tudo foi um sonho que em sonho meigo eu vi. Si *ella* para mim já não volve os seus olhos de ternura, si a negra morte a arrebatou de meus carinhos, a mim oh! morte vem buscar...

C. Souza Junior.

RABISCOS

Secção alegre

Sabéis, caríssimas leitoras... que andamos todos com um medo!... (todos é uma maneira de fallar, porque eu não sou medroso.) Mas como ia dizendo, andamos com um medo, por causa do *fim do mundo*.

Fim do mundo!?... Isto agora é que não vem ao caso.

Pois então no dia 13 de Novembro havemos todos de ir para o *paiz incognito da morte*, assados como perús de forno, e queimados como pavios de candieiro de kerosene!

Mas em fim, o que não tem remedio, remediado está...De que eu tenho mais receio, é de que algum bolido venha cahir sobre a minha illustre *pessoa* e me mande passejar ao tal *paiz da morte*, com o *pólo norte* achatado, quero dizer, a minha cabeça.

Já tomamos um *bucha* com a vinda do *Adamastor*, agora, *zás!* *fim do mundo*— bucha e meia. Paciencia...paciencia... o que se ha-de fazer?!?!!

E' divertir-mo-nos bastante, gosar muito, e depois no dia 13 de Novembro... paciencia...paciencia...

Outro dia, entrei na redacção d'este *jornalzinho* (já nem me lembrava da *prophécia* do sabio Fall) e lá encontrei um alarido, choro e gritos dos meus collegas. —Que é isso perguntei eu aterrado!

Quem tomou a palavra, foi o *Quincas*, que com um n. da *Pacotilha* na mão se levantou, lavado em lagrimas e abraçando-me disse:

—Lé caro *Cabrion* do meu coração; no dia 13 de Novembro, todos nós habitantes da terra, *batemos o cachimbo*, pois o mundo n'esse dia se acaba...acaba!!!...

—Eu vou já embarcar para Oeiras disse o *Luizinho* soluçando, quero acabar os meus dias ao lado das minhas vacas e dos meus cabritos!

O negocio é serio, não ha duvida, disse eu, mas consolae-vos collegas, que o astrologo Fall tambem n'esse dia *acaba*, engolindo uma estrella cadente, ou talvez o proprio *cometa*.

Com isto pude consolar os meus collegas, e vós caríssimas leitoras consolae-vos, que o *fim do mundo*, segundo os meus calculos astronomicos (porque eu sou um grande astrologo, modestia fóra, a parte), ainda está muito longe...

Cabrion

Echos de redacção

Recebemos «As Sertanejas», volume de poesias, editado por Fabio Reis, obra do nosso conterraneo Trajano Galvão.

São poesias extrahidas do immenso livro da natureza.

A sua recommendação é: *inspirações de Trajano Galvão*.

Embarcaram no dia 20 do corrente os nossos collegas, Raymundo de Magalhães Braga, Manoel da Costa Ramos e Guilherme de Carvalho; os dois primeiros para matricularem-se na Escola Naval, no Rio, e o ultimo na Escola de Medicina da Bahia.

Feliz viagem.

Falleceu em Oeiras, cidade do Piahy, James Damasceno Ferreira, irmão do nosso mestre Conego Dr. L. Damasceno Ferreira e dos nossos amigos Salomão e Levy Damasceno Ferreira, e primo do nosso collega de redacção Luiz F. de Carvalho.

Nossos pezames.

Deixou-nos o seu cartão de despedida o nosso collega de redacção Luiz Alfredo Netto Guterres, que vai matricular-se na Escola de Medicina do Rio de Janeiro. Felicidadeas.

ENSINO

Cogitão os poderes competente reformar a Eschola Normal, dotando util instituição dos melhoramentos que carece para ser equipafada a estabelecimentos congengeres de primeira dem de que dispõem os Estados adiantados da Republica.

Louvamos taes intuitos que virão a certo redundar em beneficio da infancia aperfeçoando o preparo intellectual d' que têm por missão ensinar.

Maranhão—Typ. de Antonio Pereira Ramos d'Almeida & C. Succes.